

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - CAMPUS PONTAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL - ICHPO
CURSO DE PEDAGOGIA

ISHANGLY JUANA DA SILVA

**SABERES E FAZERES DE MULHERES NEGRAS:
construção e manutenção da cultura em um terno de congada do Triângulo Mineiro**

ITUIUTABA/MG
NOVEMBRO/2018

ISHANGLY JUANA DA SILVA

**SABERES E FAZERES DE MULHERES NEGRAS:
construção e manutenção da cultura em um terno de congada do Triângulo Mineiro**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Graduação em Pedagogia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO), como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Aparecida Augusto Satto Vilela

ITUIUTABA/MG
NOVEMBRO/2018

ISHANGLY JUANA DA SILVA

Ituiutaba/MG, 26 de novembro de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Augusto Satto Vilela
ICHPO/UFU

Prof.^a Dr.^a Luciane Ribeiro Dias Gonçalves
ICHPO/UFU

Prof.^a Dr.^a Simone Aparecida dos Passos
ICHPO/UFU

À minha mãe Maria das Vitórias, por estar sempre ao meu lado e me ensinar a ser uma mulher forte.

Ao meu companheiro Charles Santos, por caminhar comigo e por incansavelmente me fortalecer com suas ações e palavras de incentivo.

Aos meus irmãos Adriano e Adriel, por me lembrarem de acreditar, todos os dias, que a construção de uma sociedade mais humana, diversa, e menos desigual é uma luta que precisa ser empreendida hoje, por todas as pessoas.

AGRADECIMENTOS

Agradecer pressupõe reconhecer que não se caminha sozinho. Que as lutas diárias e os obstáculos transpostos, são frutos de uma construção coletiva de várias pessoas, forças e saberes, que juntos nos engrandecem, fortalecem e dignificam. Este trabalho carrega em sua autoria meu nome, mas a verdade é que esse processo foi construído por muitas pessoas, estimas, companheirismos e singularidades.

Agradecer é também reconhecer que o trajeto não se faz de forma linear, e é em meio às curvas que se formam, que encontramos pessoas que nos amparam e nos ajudam a seguir em frente. Peço desculpas caso não consiga citar efetivamente todas aqui, mas reitero que cada uma delas terá minha profunda gratidão e sem dúvida saberão, que são à elas que me reporto. Agradeço a todas as pessoas, e de modo específico:

Às mães e avós sábias e guerreiras, e inúmeras outras mulheres que generosamente me sustentam no seio de seus saberes e afetos. Aprendo com elas a cultivar a resiliência e a coragem, traduzindo-me a concepção de ser mulher, baseada em raízes ancestrais. É revigorante saber que “nossos passos vêm de longe” e que resiliência é um dos adjetivos que mais nos cabe. Por isso tudo, eu agradeço à espiritualidade que me sustenta e fortalece a cada dia.

À minha mãe, amiga e encorajadora Maria das Vitórias por ter me ensinado tantas coisas, por ter doado tanto de si para me ver bem e por inculcar em mim a vontade incessante de crescer e ser uma pessoa melhor a cada dia. Sempre digo que nunca saberei agradecer o suficiente, principalmente porque foi vendo a sua luta que minha índole e caráter foram construídos. Obrigada por ter me dado tanto amparo, força e coragem, por não ter me deixado caminhar só e por ser essa mulher incrível que contribuiu para que eu me tornasse quem sou hoje.

Ao meu companheiro de todas as horas, confidente e incentivador Charles Santos, por dividir a vida comigo e por ser aquele que sempre traz paz, calma e tranquilidade nos momentos mais difíceis. Obrigada pelas lutas partilhadas, pois elas me trouxeram muito aprendizado. Obrigada por não me deixar desistir frente às intempéries da caminhada, por estar comigo e oferecer sempre uma palavra encorajadora a cada lamúrio que ouvia de mim, vindo por intermédio dos desafios de fazer pesquisa. Obrigada por compartilhar comigo essa luz que é só sua, fazendo de você uma pessoa especial de várias maneiras.

Agradeço às professoras e professores que me marcaram significativamente, mediando inúmeras aprendizagens e me ensinando a confiar em minha capacidade de vencer limites

(muitas vezes criados por mim). Agradeço pelos momentos em que ressaltaram minhas potencialidades e amenizaram as dificuldades; por terem contribuído para que minha formação fosse humanizadora e emancipatória e por terem me incentivado a contribuir positivamente na formação de outras pessoas.

Desta feita, agradeço à minha amiga e orientadora Cida Satto, por ter me mostrado que a academia pode e deve ser um espaço baseado em relações humanas positivas, onde pessoas compartilham saberes e crescem juntas, permeadas por vínculos profissionais e de afeto. Desejo que muitos estudantes tenham o prazer de conhecer e trabalhar com essa pessoa incrível, e que nossa amizade perdure para além dos anos universitários. Com certeza você foi uma das principais mediadoras desse processo formativo, a quem serei eternamente grata.

À Mical Marcelino, professora, amiga e irmã que ganhei na graduação e que a amizade será cultivada por toda vida. Obrigada por ter contribuído em minha formação acadêmica, pelos ouvidos pacientes quando precisei conversar (muitas vezes tratando de assuntos que extrapolavam a universidade), pelos conselhos de irmã e pela capacidade de se fazer presente, sempre disposta a contribuir, sem críticas e juízos de valor. Sua ética, prudência, responsabilidade e afetuosidade seguirão comigo como reflexo de tudo que aprendi. Obrigada por ter me ensinado tanto.

À professora Lúcia Helena, a querida Lucinha, por ter sido um dos meus maiores exemplos de profissionalismo, ética, comprometimento e responsabilidade. Aprendi que independente do que façamos, devemos investir o melhor de nós, e realizarmos nossas ações da forma mais positiva possível. Obrigada principalmente por ter me ensinado que “nós não fazemos aquilo que não acreditamos”. A você, minha profunda gratidão.

Às professoras que compuseram a banca examinadora, Prof.^a Dr.^a Simone Aparecida dos Passos e Prof.^a Dr.^a Luciane Ribeiro Dias Gonçalves, por terem aceito o convite e pelas valiosas contribuições a este trabalho. A escolha dessas docentes justifica-se por se tratar de mulheres negras, que resistem, (re) existem, e lutam cotidianamente por meio da educação por outros lugares e narrativas que refutem o que é estabelecido social e historicamente à mulheres e homens negros/os.

Aos meus queridos amigos, que estiveram presentes em momentos cruciais dessa trajetória, aos quais agradeço pelas risadas, conversas e choros. Agradeço por terem feito com que os dias fossem mais leves e descontraídos. Talvez por isso, tenhamos construído amizades tão saudáveis pois, para alinhar estudo, pesquisa, trabalho e afetos, foi preciso construir uma visão de mundo pautada no coletivo e na riqueza das relações, em que a diversidade, especificidades individuais e a pluralidade de ideias fossem entendidas como

pontos potencializadores de crescimento e aprendizagens. Por isso, Jéssica Dias, Lucas Diniz, professor Marcus Satto, Letícia Ferreira, Brunna Barcellos, Mireile Martins, Victória Ferreira Cunha e Kelly Mara, obrigada por tudo!

Ao terno que me recebeu tão respeitosa e partilhou comigo sua cultura e conhecimentos. A cada uma das pessoas que conversou comigo no quartel, perguntando-me se eu precisava de alguma coisa, sempre dispostas a ajudar no que fosse preciso. Em especial, agradeço às mulheres negras que compartilharam comigo suas memórias, e confiaram na minha pesquisa. A essas mulheres guerreiras que contribuem diariamente para que a cultura congadeira permaneça viva ao longo das gerações, meu profundo respeito, gratidão e admiração.

Todas essas pessoas são partícipes dessa trajetória e da conclusão deste ciclo formativo. Compreenderam minhas falhas e ausências, e estiveram comigo quando precisei aprender com elas. Comemoraram minhas conquistas e me ampararam nos momentos difíceis. Contribuíram significativamente nessa construção identitária, e hoje me orgulho da trajetória percorrida. Sou profundamente grata a todas e todos. Esse caminho me ensinou que eu sou, porque nós somos. Ubuntu.

Gratidão!

Ressurgir das cinzas

Sou forte, sou guerreira,
tenho nas veias sangue de ancestrais.
Levo a vida num ritmo de poema-canção,
mesmo que haja versos assimétricos,
mesmo que rabisquem, às vezes,
a poesia do meu ser,
mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão”.
Sou destemida,
herança de ancestrais,
não haja linha invisível entre nós
meus passos e espaços estão contidos
num infinito túnel,
mesmo tendo na lembrança jovens e parentes que, diante da batalha deixaram a talha
da vida se quebrar,
mesmo tendo saudade cultivada no portão.

Mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão” .
Sou guerreira como Luiza Mahin,
Sou inteligente como Lélia Gonzáles,
Sou entusiasta como Carolina de Jesus,
Sou contemporânea como Firmina dos Reis
Sou herança de tantas outras ancestrais.
E, com isso, despertem ciúmes daqui e de lá,
mesmo com seus falsos poderes tentem me aniquilar,
mesmo que aos pés de Ogum coloquem espada da injustiça
mesmo assim tenho este mantra eu meu coração:

“Nunca me verás caída ao chão”.
Sou da labuta, sou de luta,
herança dos ancestrais,
trabalhar, trabalhar, trabalhar,
mesmo que nos novos tempos irmãos seduzidos
pelo sucesso vil me traiam, nos traiam como judas
sob a mesa, meu, ganha-pão.
Mesmo que esses irmãos finjam que não nos veem,
estarei ali ou onde estiver, estarei de corpo ereto,
inteira,
pronunciando versos e eles versando sobre o poder,
mesmo assim tenho esse mantra em meu coração

“Nunca me verás caída ao chão”.
Me abraço todos os dias,
me beijo,
me faço carinho, digo que me amo, enfim,

sou vaidosa espiritual,
mesmo com mágoas sedimentadas no peito,
mesmo que riam da minha cara ou tirem sarro do meu jeito,
mesmo assim tenho esse mantra em meu coração:

“Nunca me verás caída ao chão”.
Me fortaleço com os ancestrais,
me fortaleço nos braços dos Erês.
podem pensar que me verão caída ao chão,
saibam que me levantarei
não há poeiras para quem cultua seus ancestrais,
mesmo estando num beco sem saída, levada por um mar de águas,
mesmo que minha vida vire uma maré,
vire tempestade, sei que vai passar.
Porque são meus ancestrais que se reúnem num ritual secreto
para me levantar.
Eu darei a volta por cima e estarei em pé, coluna ereta,
cheia de esperança, cheia de poesia e com muito
axé
por isso, desista, tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão.”

Esmeralda Ribeiro

RESUMO

Este estudo trata das mulheres negras, entendendo-as como sujeitas históricas, políticas e socioculturais. Nesse sentido, seu objetivo precípua é compreender qual é o papel desse grupo na construção e manutenção da cultura congadeira em um terno de Moçambique do Triângulo Mineiro. Dessa forma, questiona-se: de que modo os saberes e fazeres dessas mulheres, enviesados por suas memórias, contribuem para a produção e perpetuação da festa enquanto patrimônio cultural imaterial do povo negro no município? Como suas identidades e o patrimônio cultural imaterial congadeiro se (re)afirmam a partir de seu lugar de fala e que espaço essas mulheres ocupam na tradição congadeira, compreendendo-o enquanto um lugar de resistência da mulher negra? Tais indagações se justificam na medida em que se propõe pensar na construção de um projeto de sociedade menos racista, sexista e que enalteça os diversos saberes produzidos por grupos historicamente invisibilizados. O estudo principiou-se pela revisão bibliográfica de temáticas que demandaram reflexões e esclarecimentos, baseando-se em Ribeiro (2017, 2018), Gomes (2005, 2017), Carneiro (2011), Gonzalez (1984), Davis (2011), Natália (2018), Katrib (2009, 2010, 2013), Naves e Katrib (2008), Paula (2010), Silva (2016), dentre outros. Posteriormente, coletaram-se dados com base nas observações dos leilões que antecederam a festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito no ano de 2018, e no dia da festividade propriamente dito. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com quatro mulheres que integram o terno de Moçambique focalizado nesta pesquisa. No percurso metodológico, Gil (2010), Minayo, Deslandes e Gomes (2016) e Bardin (2016) contribuíram para a construção da abordagem da pesquisa, dos instrumentos de coleta de dados e suas análises. A partir das análises feitas e das reflexões bibliográficas realizadas, considera-se que as identidades das mulheres negras tomam outros significados à medida em que elas percebem a importância de sua presença, tanto nas práticas da congada, quanto na sociedade, e mobilizam-se na construção de outras narrativas possíveis. O fato de reconhecer-se enquanto sujeitas históricas e políticas no interior de um contexto que, historicamente, restringiu-as ao espaço dos preparativos que acontecem antes da festa de Congada demonstra que outros lugares de enunciação estão sendo conquistados pelas mulheres dentro dos ternos, e fora deles, apesar de compreender-se que nem todas problematizam essas questões, por vezes naturalizando-as. Dessa forma, compreende-se que as mulheres negras possuem um papel significativo na construção e manutenção dessa cultura, pois são elas que mediam os processos de ensino e aprendizagem, conduzindo dialogicamente as relações entre o tradicional e atual, atribuindo protagonismo ao lugar ocupado pela mulher negra na sociedade brasileira.

Palavras chave: Mulheres Negras. (Re) existências. Congada.

SUMÁRIO

1 Introdução	12
2 Relações étnico-raciais e construções identitárias: alguns apontamentos	20
3 A Congada como patrimônio do povo negro no Brasil.....	26
4 Mulheres negras enquanto sujeitas políticas: que lugar de fala é esse?.....	33
5 A perspectiva das produções científicas: as mulheres negras nas pesquisas	38
6 Procedimentos metodológicos	42
7 Análise das entrevistas.....	46
7.1 Caracterização do grupo e das participantes da pesquisa	46
7.2 Mulheres negras e suas existências singulares e potentes: o que é ser mulher na congada?	50
7.3 Perspectivas entre saberes, fazeres e (re) existências.....	56
8 Considerações Finais	61
Referências	64
Apêndice 1 - Roteiro de entrevista.....	70
Apêndice 2 - Termo de Consentimento Livre e esclarecido.....	71
Anexo 1 - Parecer do comitê de Ética em Pesquisas com seres humanos –CEP/UFU.....	73

1 Introdução

Este estudo busca compreender as mulheres negras como sujeitas históricas, políticas e socioculturais, por meio da análise de seus papéis na construção e manutenção da cultura em um terno de congada da região do Triângulo Mineiro. A escolha pela temática deste trabalho de conclusão de curso é fruto de um processo de (re)descobrimto, parte do percurso de construção identitária da autora proponente, principalmente pelo entendimento do que significa ser mulher negra. Esta trajetória não se concluiu (e talvez não se concluirá), mas é relevante para a compreensão de uma pertença identitária, principalmente em uma sociedade que, por vezes, utiliza-se do gênero para produzir desigualdades, forçar estereótipos e perpetuar discriminações.

Enquanto graduanda do curso de Pedagogia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO), da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal, a afinidade com a temática étnico-racial¹, principalmente em relação às questões voltadas à cultura africana e afro-brasileira, efetivaram-se paralelamente à elaboração de uma visão de mundo que refuta determinados lugares sociais impostos e, muitas vezes, negados a alguns grupos. Lugares constituídos por conflitos étnico-raciais, de classes sociais, de gêneros, de sexualidades, geracionais, dentre outros.

Essa posição (política e ideológica) foi se consolidando a partir de diversos fatores; dentre eles, o contato com atividades de ensino, pesquisas, projetos de extensão e participação em eventos, relacionados à temática em questão. A construção de uma percepção positiva em relação à cultura afro-brasileira e sua importância para a produção e a manutenção da sociedade nacional, contrapõe-se a um discurso que tende a ver e a disseminar os modos de existência da população negra como inferior, pautando-se em argumentos racistas, eurocêntricos e machistas.

A partir desse posicionamento, compreende-se que “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social.” (RIBEIRO, 2017, p. 64). Nesse sentido, analisar e ouvir os relatos das mulheres negras advém desse posicionamento de construção e enaltecimento de saberes que, por vezes, não se baseiam na cultura escrita, mas que possuem uma importância tão significativa quanto esta.

¹ Neste trabalho, o uso dos termos “raça” ou “relações étnico-raciais” está pautado numa visão de raça enquanto construção social e histórica (GOMES, 2005), pois não se comunga, em hipótese alguma, com a utilização do termo sob um viés biológico, uma vez que compreendemos raça enquanto “categoria discursiva”. (HALL, 2006, p. 63)

Segundo Lélia Gonzalez (1984), as reflexões sobre o racismo e o sexismo são demarcadas a partir dos lugares que ocupamos. E, do lugar em que as mulheres negras se situam, suas vivências têm fundamental importância, sendo permeadas pelas concepções que constroem suas memórias, reavivadas a cada dia por meio da oralidade. Fundamentando-se por essa compreensão, é preciso problematizar a quem foi permitido ter voz nesse modelo colonizador. Se historicamente as mulheres foram/são silenciadas e destituídas da propriedade de falar, no sentido político e existencial do termo, o rompimento desse silêncio precisa ser construído diariamente, no âmbito da cultura, da educação, das relações sociais, enfim, nos saberes e fazeres cotidianos (RIBEIRO, 2017).

Compreendendo este falar enquanto ato político, ressalta-se que é preciso instigar a reflexão no contexto universitário, pois essa questão também precisa ser tratada, principalmente no que tange os lugares estabelecidos dentro do cenário acadêmico (NATÁLIA, 2018). A construção de uma universidade plural e diversa, parte dentre outros pontos, de um olhar crítico às epistemologias que são lidas diariamente nos cursos de graduação e pós-graduação nas universidades brasileiras, muitas vezes embasados apenas pelas visões de mundo eurocêntricas, que não representam as vivências e as questões da população afro-brasileira.

Precisa-se compreender que essa construção, baseada na pluralidade de saberes, deve perpassar as práticas docentes, currículos, conteúdos disciplinares, projetos político-pedagógicos, ementas de disciplinas, dentre outros. É necessário rever as bibliografias que por vezes são utilizadas pelas/os docentes na academia, tanto nos cursos de formação de professoras/es quanto nos demais cursos de graduação e pós-graduação, no sentido de complementá-las com pensadoras/es que representem a diversidade que compõe a população nacional.

Pelo exposto, é necessário ressaltar a necessidade de se construírem, no âmbito das universidades públicas e escolas de educação básica brasileiras, posicionamentos e práticas que problematizem a temática étnico-racial, destacando-se, cada vez mais, pesquisadoras/es negras/os, indígenas e quilombolas que contribuam na construção de uma educação para as relações étnico-raciais, no sentido de trabalhar a multiplicidade de visões de mundo e locais de fala. Além disso, essas instituições devem ter posicionamentos que, efetivamente, enalteçam e deem a devida relevância aos conhecimentos produzidos por estas/es autoras/es.

Sobre essa questão, Nádia Maria Cardoso Silva (2017) trata sobre como a universidade brasileira, desde sua criação, serviu como (re) produtora de conhecimento científico baseado em concepções de poder, estruturadas em relações antagônicas entre

colonizador e colonizado, influenciadas, muitas vezes, por teorias raciais importadas da Europa. Ainda, apresenta e problematiza, a partir do percurso histórico, como o ensino superior foi implantado no Brasil, questionando o modo de apagamento e silenciamento de grupos historicamente excluídos do cenário acadêmico (SILVA, 2017).

Segundo a autora, é necessário entender porque e para quem a academia foi pensada, uma vez que, partindo disso, questiona-se a epistemologia produzida, defendida e propagada nessas instituições, refutando porque tal espaço ainda se configura como legitimador de um contínuo projeto de colonização e hierarquização de saberes, com o objetivo de manter estruturas culturais, sociais e de poder. Saliencia-se que o racismo epistêmico é uma realidade que perpassa o âmbito das universidades brasileiras desde que foram criadas no início do século XX (SILVA, 2017).

O que se quer aqui, por meio de reflexões sobre o lugar de fala de mulheres negras, é construir, sob o viés da edificação do conhecimento, epistemologias que ofereçam outros posicionamentos, que não se pautem pela visão do colonizador sobre o colonizado. A universidade deve difundir os diversos saberes produzidos pelos grupos sociais, e não apenas salientar o saber eurocêntrico e branco como digno de prestígio e reconhecimento, uma vez que “necessitamos dar visibilidade à experiência social dos grupos negros e seus conhecimentos, desconstruindo o silêncio epistêmico sobre os seus saberes subalternizados e rebaixados a formas de saber não epistêmicos ou acadêmicos [...]” (SILVA, 2017, p. 250)

As possibilidades de produzir pesquisa nessa perspectiva, intensificaram-se a partir da vivência como bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET (Re) Conectando Saberes, Fazeres e Práticas Rumo à Cidadania Consciente², durante aproximadamente três anos. Este programa tem como princípios desenvolver o ensino, a pesquisa e a extensão, proporcionando aprendizagens e diálogos com grupos populares, assim como a construção de cidadania e fortalecimento das pertencas identitárias desses grupos (PET, 2018).

² A proposta Pet intitulada PET (Re) Conectando Saberes, Fazeres e Práticas Rumo à Cidadania Consciente “[...] visa redimensionar o olhar do acadêmico sobre a sua inserção no seu grupo social por meio da ressignificação das suas pertencas identitárias, do reconhecimento do exercício consciente da cidadania, promovendo a conexão reflexiva dos saberes herdados e acadêmicos sistematizando-os, ampliando a formação crítica do acadêmico, sua autocrítica, propiciando ser um sujeito ativo e criativo, capaz de elaborar instrumentos para sistematização dos saberes, fazeres e experiências cotidianas, a fim de junto com sua comunidade seja ela representada por minorias negras, de migrantes, de assentados dentre outros ser capaz de recompor o cenário vivido e construir, edificando caminhos de acessibilidade não só ao conhecimento como também a outras formas criativas de ressignificação do grupo, além da integração e troca de conhecimentos entre docentes, bolsistas e comunidade externa é o de contribuir para a formação cidadã das pessoas provenientes de grupos populares proporcionando a sua inserção social, seu ingresso e permanência na universidade, além de estimular o engajamento social.” (BRASIL, 2010, p. 2)

O PET (Re) Conectando objetiva, desde sua criação, trabalhar com as questões étnico-raciais, principalmente no que tange o campo da cultura, saberes e fazeres populares e diversas outras temáticas que se refiram ao multiculturalismo e suas manifestações. Nesse sentido, essa experiência contribuiu sobremaneira para elaborar esta pesquisa, tendo em vista o foco de atuação do programa.

Outro motivador foi o contato com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas - NEABi³, da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal, que contribuiu nesse processo de conhecimento e fortalecimento de posicionamentos pessoais e acadêmicos. Tal núcleo tem como objetivos promover estudos e divulgar a realidade das pessoas e dos grupos afro-brasileiros em nossa sociedade, criando mecanismos de luta contra o racismo; realizando formação de professores/as e demais profissionais da educação, dentre outros/as (NEABi PONTAL, 2018).

A escolha pela congada se justifica por compreendê-la como organização social, cultural, artística, festiva e devocional, que chama a atenção de quem lança o olhar sobre seus significados, suas cores, danças, dinâmica e valores próprios. Contudo, ela deve ser compreendida principalmente como um movimento de pertença identitária e de resistência enquanto patrimônio cultural imaterial da população negra.

Em contato com a festa da congada, e por meio da observação desta, emergiram questionamentos do porquê algumas mulheres ocupavam determinados espaços e não outros, assim como sobre a relevância dos ensinamentos que eram passados das mães para as/os filhas/os, destas/es para as/os netas/os e, assim sucessivamente, retomando sempre a ancestralidade, fundamental dentre os valores civilizatórios⁴ da cultura afro-brasileira. Nesse sentido, a congada se configura enquanto prática cultural, festiva, sócio-histórica, permeada

³ O Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABi PONTAL) da Universidade Federal de Uberlândia Campus do Pontal se inicia através da iniciativa de professores e estudantes objetivando realizar estudos cujos resultados possam ser aplicados na formulação e execução de políticas públicas de promoção da equidade racial; estudar e divulgar a realidade dos descendentes de africanos na sociedade brasileira; analisar as relações interpessoais, culturais, sociais, econômicas mantidas pelos descendentes de africanos com outros grupos étnico-culturais com que convivem, com vistas a criar mecanismos de combate ao racismo e as discriminações; registrar a memória social afro-brasileira; promover a formação de professores, agentes comunitários e outros educadores, para que promovam atitudes de respeito às culturas dos grupos de diferentes etnias e classes sociais presentes na escola, bem como organizem programas e materiais de ensino que visem ao diálogo entre estas culturas e que a escola tem por meta transmitir. (NEABi PONTAL, 2018)

⁴ Os valores civilizatórios afro-brasileiros são: oralidade; circularidade; energia vital (axé), ancestralidade; religiosidade; cooperativismo; corporeidade; musicalidade; memória; ludicidade. (KATRIB, 2013, p. 69)

de significados e conhecimentos ancestrais, ensinados tradicionalmente entre as gerações que vivenciam e ressignificam tal prática. (KATRIB, 2010)

Sob esse viés, emergiu a necessidade de compreender de forma mais específica os lugares ocupados pelas mulheres negras, pautando-se num contexto mais amplo entendendo-as em seu significativo papel na mudança das estruturas sociais e na reformulação de lugares historicamente estabelecidos na sociedade. Considerando-se a importância das mulheres negras enquanto símbolo de luta, resistência e representatividade, e da congada, a partir de tudo o que ela representa, este trabalho tem como objetivo geral compreender o papel destas mulheres e sua relevância na preservação da cultura congadeira em um terno de Moçambique em um município do Triângulo Mineiro. De modo específico, propõe-se:

1) Compreender, a partir dos relatos, como as memórias dessas mulheres contribuem para a produção e a perpetuação da festa enquanto patrimônio cultural imaterial do povo negro no município;

2) Analisar, sob o olhar delas, como suas identidades e o patrimônio cultural imaterial congadeiro se (re) afirmam a partir de seu lugar de fala; e

3) Refletir sobre que espaço essas mulheres ocupam na tradição congadeira e quais posições lhes são atribuídas dentro do terno.

Tais objetivos auxiliaram na organização desta pesquisa, na seleção do referencial bibliográfico, assim como orientaram na elaboração do roteiro de entrevista.

A pesquisa bibliográfica auxiliou na compreensão de diversas temáticas que perpassaram a discussão proposta. Com relação à especificidade do local de fala da mulher negra, da invisibilidade epistemológica desta, da construção da identidade negra, e de outras questões que decorrem das representações e vivências desse grupo étnico, subsidiou-se em Djamilia Ribeiro (2017, 2018), Nilma Lino Gomes (2005, 2017), Sueli Carneiro (2011), Lélia Gonzales (1984), Livia Natália (2018), Conceição Evaristo (2009) e Angela Davis (2011). Para compreender sobre o universo da congada, com seus significados, símbolos e dinâmicas próprias, pautou-se em Cairo Mohamad Ibrahim Katrib (2009, 2010, 2013), Marise Vicente de Paula (2010) e Renata Nogueira Silva (2016).

Salienta-se que foi realizado também, um levantamento em nove trabalhos, a partir do banco de dados de teses e dissertações da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e no *site* Google Acadêmico, nos quais foi possível encontrar pesquisas com perspectivas de análise distintas no que se refere às mulheres negras. Tal levantamento foi importante para construir um posicionamento teórico tendo como respaldo pesquisas que já foram realizadas, o que se apresenta como aspecto enriquecedor na

construção do conhecimento.

Ao analisar a festa como patrimônio cultural imaterial buscou-se esclarecimentos em documentos da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - Unesco (2003) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan (2012). No percurso metodológico, Antônio Carlos Gil (2010), Maria Cecília de Souza Minayo, Suely Ferreira Deslandes e Romeu Gomes (2016) e Laurence Bardin (2016) contribuíram para a construção dos procedimentos metodológicos, desde a elaboração dos instrumentos de pesquisa até a sistematização das informações coletadas.

Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com 10 (dez) perguntas, feitas a 4 (quatro) mulheres, tendo com critério aquelas com mais tempo de participação no grupo, as que desempenham alguma função específica, como coordenadora geral e madrinha da bandeira, por exemplo. Também foi considerada a relação de hereditariedade das entrevistadas com os fundadores do terno e os demais membros do grupo.

Ressalta-se que a realização desta pesquisa se apresenta e se configura enquanto uma, dentre outras formas possíveis de contribuir para dar visibilidade à cultura das mulheres negras congadeiras⁵, em meio às nuances que perpassam dialogicamente suas identidades.

Conhecer o valor dos saberes dessas mulheres requer inicialmente compreender tal cultura, sem estigmas socialmente construídos e estereótipos racistas e discriminatórios. Nesse sentido, compreende-se que conceituar cultura revela-se uma tarefa difícil pela polissemia e uso desmedido do termo, conforme crítica realizada por Clifford Geertz (1989) na obra *A interpretação das culturas*. Ainda, tal conceituação se apresenta enquanto um desafio que é cotidianamente posto em questão, uma vez que “[...] uma compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana” (LARAIA, 2008, p. 63). Ou seja, a dificuldade se dá pelo fato de a mesma abarcar, dentre outras questões, o que se entende por humano.

Partindo desta afirmação, de que há diferentes conceitos sobre cultura, e de como ela se insere, interfere e permite modificações na vida humana, esta pesquisa parte do entendimento de cultura como “teias de significados” (GEERTZ, 1989, p. 4), pois as mulheres, assim como os homens, ao mesmo tempo que a produzem socialmente, também são

⁵Katrib (2009) em suas percepções a partir da pesquisa realizada no município de Catalão - GO, aponta que “o *Congadeiro* é a designação dada ao dançador nascido numa família congadeira e que tem no Congado a representação máxima da sua identidade e do seu pertencimento étnico, ou seja, aquele que vive e dá um sentido não só devocional como também identitário ao Congado. (p. 154-155, grifo do autor)

produtos e produções desta. Espera-se também, identificar os saberes e os fazeres das mulheres congadeiras entrevistadas, de modo a entender os sentidos atribuídos por elas a esse patrimônio imaterial, que compartilham suas cosmovisões com o grupo de mulheres e homens dos quais fazem parte.

Entende-se dessa forma, que é essencial um olhar respeitoso à cultura das pessoas e, conseqüentemente, às relações de alteridade que surgem desse contato. Na congada, festejos e cores se mesclam às próprias identidades das/os sujeitas/os envolvidas/os, construindo-as e reconstruindo-as, como as batidas dos cantos que embalam a festa, por meio de vozes que procuram quem as ouçam. Desse modo, é necessário saber ouvir, ver e sentir e, principalmente, saber diferenciar o olhar das pesquisadoras e pesquisadores “que veem do lado de fora”, do olhar das pessoas que tornam a festa possível e realizam-na de fato.

Em meio a essas relações de alteridade e de construções coletivas, em que as identidades individuais e do grupo são permeadas por conflitos e possibilidades, ressalta-se que, no Brasil, há a necessidade de buscar e promover ações que resistam cotidianamente contra o racismo, o machismo e outras formas de discriminação. Esse papel de luta precisa ser encarado por todas as esferas sociais, por meio de políticas públicas, dos meios de comunicação, das práticas educativas escolares e familiares, dos movimentos sociais, da produção científica em âmbito universitário, dentre outros.

Acredita-se que o presente trabalho possui relevância social e educacional, no sentido de ressaltar os saberes, os fazeres e a cultura de um grupo étnico-racial, como o das mulheres negras. É necessário contestar o lugar destinado a certos grupos sociais em nossa sociedade, construindo cotidianamente desigualdades sociais e educacionais, preconceitos e segregações. Em específico, ao problematizar-se o lugar social ocupado pelas mulheres negras em diversos espaços, é preciso compreender as estruturas que as mantêm em posições subalternizadas, apesar das lutas históricas que empreendem, contribuindo para não permanecerem na invisibilidade (DAVIS, 2011).

Ainda, nessa perspectiva, o diálogo com essas e outras questões, se por um lado é invisibilizado por umas/uns, para muitas/os é um debate necessário no âmbito de toda sociedade civil, poder público e produção cultural. Precisa-se tocar nesses assuntos, e mais do que isso, indagar o porquê foi e é permitido construir um modelo de sociedade alicerçada sobre a negação de direitos, identidades, representatividade e pertencas étnicas.

Desta feita, este texto se estrutura da seguinte forma: após a introdução, fez-se uma problematização sobre as relações étnico-raciais em nossa sociedade e as nuances que perpassam as construções identitárias nesse contexto, considerando também algumas questões

educacionais nessa relação. Depois, apresentou-se uma breve caracterização da congada enquanto patrimônio cultural imaterial do povo negro no Brasil. Posteriormente, apresentaram-se alguns apontamentos que tratam sobre o local de fala da mulher negra; em seguida, expõem-se os procedimentos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, caracterizando-a no viés da pesquisa social de caráter qualitativo, utilizando-se da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016) para sistematizar e compreender os dados. Estes foram analisados com base em 3 categorias: 1) Caracterização do grupo e das participantes da pesquisa; 2) Mulheres negras e suas existências singulares e potentes: o que é ser mulher na congada? e 3) Perspectivas entre saberes, fazeres e (re) existências. Ao final do texto, apresentam-se as considerações construídas a partir da experiência da pesquisa.

2 Relações étnico-raciais, construções identitárias e educação: alguns apontamentos

A reflexão no que se refere às relações étnico-raciais e seus desdobramentos é necessária em todos os âmbitos e instituições sociais, tais apontamentos se tornam importantes pelo fato de viver-se em uma sociedade estruturada por relações de poder hierarquizadas, desiguais, preconceituosas, homofóbicas, machistas, sexistas e racistas, provenientes de um modelo de colonização que subalternizou certos grupos sociais e enalteceu política, social, econômica e culturalmente outros.

Com base nessa conjuntura, é necessário apontar que tais discussões só foram incorporadas efetivamente na agenda política, nos debates das instituições de educação básica e superior, dentre outros espaços sociais e educacionais, graças, em grande medida, às reivindicações do Movimento Negro brasileiro. Este, por sua vez, emergiu de modo a se posicionar enquanto um “novo sujeito coletivo e político” mais especificamente na década de 1970, distinguindo-se dos demais movimentos sociais da época, por seu caráter histórico. Pautou-se na trajetória do povo negro brasileiro e suas realidades, para construir ferramentas de mudança do modelo de sociedade vigente (GOMES, 2017, p. 48).

Sob essas perspectivas, define-se Movimento Negro como

(...) as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o *objetivo explícito* de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento das barreiras raciais impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares na sociedade. (GOMES, 2017, p. 23-24, grifo da autora)

Reconhece-se as lutas históricas empreendidas por este movimento social, e suas respectivas conquistas, tendo em vista seu papel educador, pois, ao mesmo tempo que reivindica demandas específicas de um grupo social, promove ensinamentos. Nesse sentido, ressalta-se que as práticas pedagógicas, os cursos de formação de professoras e professores têm muito a aprender com as ações do movimento negro (GOMES, 2017).

Assim sendo, pontua-se que,

(...) se não fosse a luta do Movimento Negro, nas suas mais diversas formas de expressão e de organização - com todas as tensões, os desafios e os limites -, muito do que o Brasil sabe atualmente sobre a questão racial e africana, não teria acontecido. E muito do que se produz sobre a temática

racial e africana, em uma perspectiva crítica e emancipatória, não teria sido construído. (GOMES, 2017, p. 18-19)

Evidencia-se uma realidade construída por meio de disputas, permeadas por relações de poder, gerando conflitos na medida em que reivindica lugares. Segundo a autora, ao levantar questões pertinentes da população negra brasileira, o Movimento Negro ressignifica o conceito de raça, politizando-o, e a partir disso problematiza a condição histórica de existência das negras e dos negros brasileiros (GOMES, 2017)

Nesse sentido, as contribuições desse movimento social são também, para a educação básica e ensino superior, pontos que levantam novas questões, inclusive na perspectiva que o enxerga enquanto um mediador na relação entre as escolas, universidades, comunidade negra e Estado (GOMES, 2017). Dessa forma, questiona-se a educação de modo geral, e especificamente as práticas pedagógicas que efetivam as concepções sobre o que é educar:

É possível educar para a diversidade em uma sociedade marcada pelo colonialismo, pelo machismo e pelo racismo? Se os movimentos sociais reeducam a sociedade e a escola, que saberes eles têm trazido para o campo educacional? Qual tem sido o lugar ocupado por esses saberes no cotidiano da escola, dos currículos e das políticas educacionais no século XXI? (GOMES, 2017, p. 43)

Desta feita, acredita-se que outras Pedagogias são, além de possíveis, necessárias. Pensar em uma educação que não seja pautada pela cultura hegemônica, que seja capaz de enaltecer saberes ancestrais baseados na tradição oral, é uma forma de construir um outro paradigma de educação, que considera uma formação crítica e humanizadora. Nessa perspectiva, Lilian Pacheco (2014) aponta possibilidades de se pensar outras formas de educar, que promovam um diálogo entre os diversos tipos de saberes, linguagens, gerações, culturas, identidades e visões de mundo, nas quais a tradição oral contribua significativamente nesse processo, de modo a produzir outras narrativas. Nesse contexto insere-se a Pedagogia Griô, compreendida como

[...] uma pedagogia da **vivência** de rituais afetivos e culturais que facilitam o **diálogo** entre as idades, a escola e a comunidade, grupos étnico-raciais, tradição e contemporaneidade, interagindo e mediando saberes ancestrais de **tradição oral** e as ciências formais, por meio do reconhecimento do lugar social, político e econômico dos **mestres Griôs** na educação, para a elaboração do conhecimento e de um projeto de vida que tem como foco a expressão da **identidade**, o vínculo com a **ancestralidade** e a celebração da vida. (PACHECO, 2014, p. 66, grifos da autora).

Segundo a pesquisadora, a Pedagogia Griô está alicerçada na “tradição Oral, identidade, ancestralidade, diálogo e vivência” (p. 72). Tal Pedagogia carrega consigo conceitos cruciais para sua compreensão, como o de “Griô”, que representa

[...] todo (a) cidadão (ã) que se reconhece e seja reconhecido (a) pela sua própria comunidade como herdeiro (a) dos saberes e fazeres da tradição oral e que, através do poder da palavra, da oralidade, da corporeidade e da vivência, dialoga, aprende, ensina e torna-se a memória viva e afetiva da tradição oral, transmitindo saberes e fazeres de geração em geração, garantindo a ancestralidade e a identidade de seu povo. (PACHECO, 2014, p. 64)

Pensar nessa perspectiva, possibilita vislumbrar outras vivências educativas, que se contraponham ao modelo hegemônico vigente. Dessa forma, é necessário questionar qual o papel das/dos pedagogas/os e demais profissionais da educação na construção de sujeitas/os que ouçam esses diversos falares e considere-os tão legítimos e necessários quanto os discursos já legitimados historicamente. Qual o papel das/os profissionais da educação nesse processo de construção de uma sociedade mais humana e com relações mais respeitadas? Considerar os saberes ancestrais, locais e identitários de um povo, pode ser um significativo aliado para que algumas práticas da educação formal sejam repensadas e realizadas de outra forma, construindo um diálogo fluido entre educação formal e não formal (PACHECO, 2014).

Nesse sentido, os saberes das mulheres negras, que participam ou não da congada, pautados na oralidade, podem e devem ser considerados nas práticas pedagógicas das instituições de ensino, como uma forma importante de educação que valorize as vivências culturais de grupos específicos. Dessa maneira, contribuir-se-á na edificação de identidades que se afirmam positivamente a partir de discursos mais equânimes sobre a cultura africana e afro-brasileira, valorizando saberes pertencentes a cada localidade.

Ao falar de identidades positivas, pontua-se que a construção das identidades das/os sujeitas/os, ao final da segunda década do século XXI, deve ser pensada como um momento em que se criaram condições para romper o modelo de silenciamento que, ao longo dos anos, no Brasil, mostrou os lugares a serem ocupados, cerceando e segregando os indivíduos do acesso à educação, cultura, lazer, exercício de cidadania, dentre outros, fruto de uma sociedade colonial.

De acordo com Gomes (2005),

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de

referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas lingüísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares, referências civilizatórias que marcam a condição humana. (p. 41).

Nessa perspectiva, a identidade negra “[...] se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos [...]. A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural.” (GOMES, 2005, p. 43). Falar dessas construções requer a compreensão de que as variáveis desse processo estão intrinsicamente ligadas às relações humanas que são estabelecidas, considerando as relações de poder que aí se vinculam, as visões de mundo das/os envolvidas/os e, principalmente, os posicionamentos que são tomados a partir das pertenças identitárias de cada um/a.

Para Kabengele Munanga (2012, p. 6-7), a formação individual é perpassada por questões de “classe, sexo, religião, etnias, gênero, idade e raça,” nas quais a construção da identidade negra é realçada enquanto uma marca sócio-histórica pautada na negritude⁶. Acrescenta-se também, que a identidade negra é uma posição política, alicerçada por aspectos históricos, culturais, lingüísticos e fatores psicológicos (MUNANGA, 2012).

Ainda, essa construção é um processo permeado por diálogos, conflitos, interações e pelas construções que uma pessoa faz de si mesma, a partir das negociações que realiza com seu entorno. Dessa forma, ressalta-se que tal processo “não se faz no isolamento”, pois nenhuma identidade é construída individualmente e nem permanece imutável. (GOMES, 2002, p. 39)

Conforme as identidades são construídas, as/os sujeitas/os começam a estabelecer relações de reconhecimento e mais do que isso, relações de pertencimento com determinada cultura e seus símbolos. Dessa forma, acredita-se que essas marcas identitárias vão sendo impressas, enquanto registros da personalidade individual, sendo externalizadas por meio do corpo, dos gostos, ações, discursos etc. Começa-se assim, a emergir posicionamentos mais definidos a partir das visões de mundo geradas nessa edificação (HALL, 2006). Nessa perspectiva, reflete-se que

⁶ As reflexões empreendidas sobre a negritude são pontos importantes para se repensar de forma crítica o lugar ocupado pela população negra no Brasil, assim como para problematizar em que se configura esse termo no âmbito da luta anti-racista e o que o mesmo representa, dentre outras questões. A negritude se constitui enquanto um termo político carregado de significado no âmbito da luta contra o racismo e na redefinição da estrutura social. Sob essa perspectiva, segundo Natália (2018, p. 756), “a negritude é uma palavra sob a qual se reúnem pensamentos sobre uma identidade positivada, ela é um índice da reunião de forças que compõe uma reavaliação do que é ser negro no Brasil.”.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. [...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13).

A afirmação de que a identidade é a mesma ao longo de toda a vida, estrutura apenas uma postura confortável construída sobre os indivíduos e que não dialoga com as narrativas destes (HALL, 2006, p.13). Ainda, ressalta-se que, a partir de um “jogo de identidades”, que considera as especificidades que envolvem os indivíduos, não é suficiente basear-se apenas nas relações de classe para compreender as lutas que perpassam as diversas identidades que constituem as pessoas, uma vez que estas são plurais. (HALL, 2006, p. 20)

As discussões sobre identidade negra no Brasil só se justificam se forem pautadas pela compreensão de que este é um país multicultural⁷, ou seja, um país constituído por mais de uma cultura em seu território. As identidades individuais criadas a partir desse amálgama de culturas servem para marcar as diferenças peculiares que dão um caráter singular às demais pessoas. Inicia-se pelo nome/sobrenome, pela família na qual se nasce, pelas representações sociais as quais se tem acesso, por certos gostos e características que se tornam únicos e definem personalidades, diferenciando cada indivíduo dos demais. A constituição dessas marcas é uma das várias formas de compreender o que é identidade e como ela se constitui. Sob essa perspectiva, o principal objetivo de tê-la é para marcar características essenciais, no sentido ontológico do termo. (MUNANGA, 2012).

Tais reflexões sobre identidade são relevantes, pois, é com base nessa construção que se reconhecem as ações e os discursos a partir de lugares de fala definidos. É preciso reforçar a ideia de construções identitárias que estão sempre “em processo” e não como um aspecto que se conclua. (HALL, 2006)

Tendo em vista tais apontamentos, acredita-se que construir uma identidade negra positiva, em uma sociedade que tende a deslegitimar e inferiorizar a cultura africana, afro-brasileira e feminina, já é por si só, um ato de reivindicação, uma vez que, como levantado, são necessárias relações de alteridade nessa construção (GOMES, 2005). Desenvolver uma identidade positiva, numa sociedade movida pela influência midiática, sem representatividade da/o negra/o nos meios de comunicação, na participação política, dentre outros, é um ato de resistência que precisa ser empreendido diariamente. Dessa forma,

⁷ Segundo Munanga (2012, p. 7), “o multiculturalismo é justamente essa corrente de pensamento [...] que defende o reconhecimento público da existência das diferenças no seio de uma nação.”

[...] no processo de construção da identidade coletiva negra, é preciso resgatar sua história e autenticidade, desconstruindo a memória de uma história negativa que se encontra na historiografia colonial ainda presente em 'nosso' imaginário coletivo e reconstruindo uma verdadeira história positiva capaz de resgatar sua plena humanidade e autoestima destruída pela ideologia racista presente na historiografia colonial. (MUNANGA, 2012, p. 10, grifo do autor)

Para compreender como se efetivou a construção desse imaginário social negativo em relação ao povo negro e suas identidades individuais e coletivas, é importante destacar o mito da democracia racial, que se configurou como um pressuposto a favor da ideia de se viver em uma perfeita harmonia e sem conflitos de interesses, inclusive de questões raciais. De acordo com Bernardino (2002), a sociedade brasileira encontra-se alicerçada sobre a ideia de que há uma democracia racial vigente, acreditando-se na não existência de disputas raciais. Ainda, segundo o autor, esse mito ganhou propulsão acadêmica a partir da publicação, no final da primeira metade do século XX, da obra "Casa Grande e Senzala", de Gilberto Freyre, apesar de, como ressalta o autor, esse mito ser difundido desde bem antes dessa publicação, estando diretamente ligado à gênese da sociedade brasileira (BERNARDINO, 2002).

Vários fatores corroboram para pensar-se em como as construções identitárias se edificam na sociedade. A sub-representação de um grupo étnico-racial nos meios de comunicação, ou a sua representação de forma estereotipada permite reflexões sobre um, dentre outros aspectos, que perpassam nossa construção identitária.⁸ Esse cenário pode ser expresso também, na forma deturpada em que os livros didáticos representam a pessoa negra; a falta de representatividade de professoras/es negras/os nas escolas de educação básica, com sua presença concentrada geralmente na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental (GATTI; BARRETO, 2009, p. 24); e universidades, assim como a sub-representação de estudantes negras/os nas instituições de ensino superior, dentre outros.

Ressalta-se dessa forma, que a discussão sobre a representatividade negra, nos diversos meios sociais, educacionais e culturais é relevante e necessária, no sentido de se pensar em maneiras de promover a amplitude de posicionamentos e locais de fala que evidenciem os grupos étnicos historicamente silenciados.

⁸ Sobre essa questão, ver Campos e Feres Júnior (2016).

3. A Congada como patrimônio do povo negro no Brasil⁹

Compreende-se que ainda é recorrente a invisibilidade social da/o negra/o e seus saberes ancestrais, relacionados à cultura africana e afro-brasileira. Nessa perspectiva, entende-se que os saberes e fazeres desse grupo social são seu patrimônio cultural, uma vez que esse “conjunto de bens, materiais e imateriais, que são considerados de interesse coletivo, [e] suficientemente relevantes para a perpetuação no tempo” (RODRIGUES, 2012, p.4). Assim, ao enaltecer os valores, costumes, religião, dentre outros, contribui-se para que estes possam ser conservados ao longo das gerações, como o que ocorre em relação à cultura dos povos negros.

Deve-se ressaltar, contudo, que o interesse social pela cultura africana e afro-brasileira não é algo recente, uma vez que sua importância é colocada em pauta pelo Movimento Negro há bastante tempo. Por meio da luta do Movimento Negro, que culminou com a criação e aprovação da Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003), e obrigou a existência de discussões sobre questões étnico-raciais no ambiente escolar, a procura em conhecer sobre a cultura da população negra ganhou maior visibilidade.

Nesse sentido, possibilitar outras visões sobre o continente africano, assim como sobre a diversidade de seus valores e costumes, possibilita o enaltecimento da cultura africana e afro-brasileira, sendo esse um dos aspectos mais importantes para uma educação que combata a discriminação racial em todos os níveis de ensino.

Ao tratar sobre a congada, contribui-se para que a sociedade, professoras/es e estudantes possam analisar a temática das relações étnico-raciais, refletindo sobre a construção da identidade negra por meio da cultura, evidenciando assim, as práticas educativas realizadas no interior de determinados grupos sociais.

Pensar a cultura de um povo e tudo o que ela representa na construção identitária e pertencimento de determinado grupo étnico em relação ao espaço geográfico, político e social, é uma reflexão necessária sobre como determinados traços culturais devem ser resguardados e (re) significados a partir das relações humanas ao longo dos anos. Sabendo-se que é por meio da cultura que os povos produzem modos de ser e estar na sociedade, a manutenção de práticas culturais, enquanto patrimônio imaterial de uma comunidade,

⁹ Texto publicado com algumas alterações no “II Congresso étnico racial: descolonização em tempos de retrocesso”. Realizado na Faculdade de Ciências Integradas do Pontal/ FACIP-UFU, no período de 21 a 25 de novembro de 2017.

apresentam-se como modos de perpetuar vivências específicas de determinados grupos e, ao mesmo tempo, as pluralidades existentes neles, que são recriadas ao longo das gerações.

Dessa forma, compreende-se que,

[...] não se trata de dizer o que é congada, mas sim de entender como determinadas formas de experimentá-la e de atribuir-lhe sentido são produzidas e legitimadas como verdades e como produto de uma série de mediações, dentre as quais se destaca o encontro entre paradigmas analíticos específicos e as experiências de agentes sociais particulares. (SILVA, 2016, p.34)

As significações e atribuições de sentidos que as/os sujeitas/os construtoras/es da congada dão a ela, enquanto símbolo de resistência religiosa e cultural, precisam ser consideradas para compreender mais sobre essa manifestação cultural. Silva (2016, p. 34) aponta que “essa constituição dinâmica e complexa da festa tem alimentado inúmeros trabalhos acadêmicos pautados em diferentes chaves analíticas: folclore, resistência, patrimônio imaterial, tradição, ritual, festa, entre outros.” Compreende-se dessa forma, que o direcionamento do olhar da/o pesquisadora/pesquisador é um ponto relevante no sentido de compreender quais aspectos serão ressaltados pelo viés de quem observa, visto ser a congada, como já foi dito, um amálgama de significados e produção imaterial de um grupo.

Em documento publicado pela UNESCO, em Paris, no dia 17 de outubro de 2003, intitulado “Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage” (Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial), foram definidos alguns aspectos relacionados à segurança, proteção, conscientização, dentre outros, referentes ao patrimônio cultural imaterial enquanto fonte de diversidade cultural e construção de saberes e fazeres. Segundo o documento, a Convenção teve o objetivo de discutir:

- a) a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial;
- b) o respeito ao patrimônio cultural imaterial das comunidades, grupos e indivíduos envolvidos;
- c) a conscientização no plano local, nacional e internacional da importância do patrimônio cultural imaterial e de seu reconhecimento recíproco;
- d) a cooperação e a assistência internacionais. (UNESCO, 2003, p. 4)

A partir dos objetivos estipulados na conferência, questiona-se: O que de fato pode ser definido como patrimônio cultural imaterial? De que modo é possível pensar na elaboração de instrumentos que, se efetivados, contribuam para a proteção e salvaguarda de formas culturais dinâmicas, que se criam e (re)criam muitas vezes por meio da oralidade, como no caso da

festa de congada? É preciso pensar em formas de registro que respeitem e tenham um olhar sensível às/aos sujeitas/os fazedoras/es dessas práticas para compreendê-las, de modo que não se percam ao longo do tempo, e tenham seus valores, símbolos e crenças resguardados na história da humanidade.

É importante salientar que

[...] a noção de patrimônio imaterial ou intangível, ela própria complexa, desdobra para uma série de entendimentos interligados a outras tantas noções e categorias que não se confinam aos esquematismos de definições pontuais. Inscrevem-se aqui, por exemplo, a noção de cultura e nela, a cultura popular, as noções de tradição e memória, questões identitárias e, evidentemente, o cotidiano, palco de toda representação. (NEGRÃO, 2006, p.12).

Mesmo que se conceitue o que é patrimônio imaterial, este precisa ser considerado pelas variantes que o caracterizam, constituindo-se assim, por combinações de sentidos. Segundo o Iphan,

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). O patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (IPHAN, 2014)

Apesar de não ser o foco deste trabalho, é necessário questionar sobre como as políticas públicas, que se referem à proteção desse patrimônio, efetivam-se de acordo com o fim a que foram elaboradas, e principalmente se contribuem para garantir a proteção das diversas manifestações culturais produzidas pelas pessoas, sejam coletivas ou individuais. Entende-se ser importante a participação das/os sujeitas/os sociais que dão vida a essas práticas culturais e do poder público no sentido de construir de forma coletiva medidas que viabilizem a criação de políticas, tanto de incentivo quanto de manutenção, proteção, documentação e pesquisa do diverso arcabouço cultural produzido no mundo e, em específico, no Brasil¹⁰.

Sendo assim, esses recursos produzidos por grupos sociais, enquanto patrimônio cultural imaterial, são compreendidos como

¹⁰ Cf. BRASIL (2000)

[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (UNESCO, 2003, p. 4).

Ainda, tal patrimônio se manifesta por diversos meios, como

a) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; b) expressões artísticas; c) práticas sociais, rituais e atos festivos; d) conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo; e) técnicas artesanais tradicionais. (UNESCO, 2003, p. 5).

Dessa forma, a prática da congada se reafirma, ano após ano, enquanto movimento de resistência e produção de cultura imaterial do povo negro brasileiro, configurando-se a partir de manifestações múltiplas e dinâmicas. Segundo Katrib (2010, p. 16), ela “[...] é uma manifestação festivo-devocional da cultura brasileira, que acontece, em sua maioria, associada às celebrações em homenagem aos santos de devoção negra, como Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, São Benedito, Santo Eslebão, dentre outros.” Segundo o autor,

[...] o Congado foi sendo recriado ao longo do tempo, se firmando como prática cultural popular, mesmo que para o poder público e para alguns segmentos sociais ainda seja mera encenação folclórica paralisada no tempo e espaço. Entretanto, em cada lugar em que é praticado, assume um sentido próprio, podendo representar a luta religiosa travada na Idade Média entre cristãos e mouros, ou até mesmo, ser um momento de reflexão sobre os conflitos para o fim do processo de escravidão ou ser um importante acontecimento de afirmação de identidade e de manutenção da ancestralidade negra entre seus praticantes. (KATRIB, 2010, p.16).

A congada, como patrimônio imaterial, configura-se enquanto prática baseada em significados e conhecimentos ancestrais, passados tradicionalmente entre as gerações que a vivenciam e ressignificam. Compreender seus sentidos dinâmicos possibilita a valorização e a perpetuação dos saberes e fazeres dos povos congadeiros, enaltecendo uma dentre tantas outras expressões culturais da população negra do país, assim como a sua contribuição na construção do patrimônio cultural nacional.

Para analisá-la é preciso compreendê-la em sua construção histórica. Após a colonização africana, as/os europeias/eus se voltaram à missão de conversão das/os

escravizadas/os à fé católica. Uma das formas utilizadas para atingir tal fim foi o uso da catequização cristã para que a religiosidade das/os negras/os escravizadas/os se direcionasse à adoração da igreja e seus santos/as, negando assim os cultos religiosos praticados em diversos locais de África. Assim, o catolicismo de Portugal incutiu à comunidade de negras/os a referência de santos/as como Nossa Senhora do Rosário, por exemplo. (NAVES; KATRIB, 2008).

No Brasil, as/os escravizadas/os eram separadas/os de suas etnias de origem para que não se organizassem e nem pudessem se comunicar, tendo em vista seus diferentes dialetos. Como forma de organização e sobrevivência, houve reagrupamentos a partir de traços étnico-culturais em comum, dos quais os grupos de congada são originários. No entanto, se por um lado essa manifestação cultural se configurou como uma das formas encontradas pelo colonizador de manter controlados/as e submissos/as suas/seus escravizadas/os, por outro foi uma maneira de configurarem-se as futuras irmandades. (NAVES; KATRIB, 2008).

Silva (2016, p. 51-55) aponta que é preciso compreender as relações estabelecidas no período colonial para construir-se uma percepção mais concisa sobre as irmandades negras e sua função social desde então. Destaca-se ainda, que as discussões sobre essas instituições são insuficientes, instigando a problematizar este silêncio (SILVA, 2016).

Segundo Gonçalves (2003), as irmandades assumiam um caráter assistencialista e “existiam, no século XIX, [...] praticamente em todo o Brasil” (GONÇALVES, 2003, p. 335). Essas instituições eram regidas por um estatuto que estabelecia normas, regras, direitos e deveres dos membros. Assim,

Na estrutura socioeconômica vigente no Brasil Colônia, as agremiações religiosas eram praticamente a única possibilidade de organização da sociedade civil. Nessas instituições, os membros de uma irmandade religiosa, chamados muitas vezes de irmãos, compartilhavam tanto a fé e a forma de louvar um santo, quanto certas demandas sociais. As irmandades eram núcleos de socialização, espaços centrados na ajuda mútua, solidariedade e caridade e que possibilitavam diversas trocas mútuas. (SILVA, 2016, p. 55).

As irmandades cumpriam e ainda cumprem um papel organizativo de calendário, das datas festivas, delegando responsabilidades aos envolvidos, normas, dentre outros, pautando-se em seu estatuto e regimentos internos. Todavia, é no dia a dia de cada terno¹¹ que tais atribuições e normativas são incorporadas e vividas. (SILVA, 2016, p. 50)

¹¹ Terno (ou guarda) é uma categoria nativa utilizada para identificar os diferentes grupos que compõem a congada: Moçambique, Congos, Catopés, Marinheiros, Caboclinhos, Marujos etc. “Geralmente o terno é

Os apontamentos feitos sobre essas instituições se fizeram necessários, uma vez que, de acordo com a literatura pesquisada, elas possuem papel importante para compreender-se um pouco mais a respeito das dinâmicas próprias existentes na festa de congada (SILVA, 2016)

Com relação ao surgimento da congada no estado de Minas Gerais, uma das muitas histórias contadas afirma que,

[...] segundo reza a história, a festa do Congado surgiu quando um antigo rei africano veio para o Brasil. Segundo a lenda, Francisco, escravo batizado com o nome de Chico-Rei era imperador do Congo e veio para Minas Gerais com mais quatrocentos escravos. [...] Chico Rei instalou-se em Vila Rica, [...]. Posteriormente, obteve a alforria de seus súditos e adquiriu a Mina da Escandideira, da qual tirava seu sustento. Chico-Rei casou-se novamente e depois organizou a irmandade do Rosário e Santa Efigênia, construindo uma igreja no Alto da Santa Cruz, a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos onde a comunidade negra se reunia para agradecer e homenagear a Senhora do Rosário. Tempos depois, por solenidade da festa dos Reis Magos, Chico-Rei e sua rainha, [...] foram coroados após um cortejo que seguiu-se pela cidade simbolizando a luta dos negros por liberdade, [...] cantando, dançando, festejando e louvando Nossa Senhora do Rosário como forma de agradecimento por ter-lhes concedido a liberdade tão esperada. (NAVES; KATRIB, 2008, p. 2).

De acordo com o que foi exposto, entende-se que a congada estabelece relações intrínsecas com a religiosidade de um povo, “[...] que entrecruza sagrado e profano em sua realização e ritualização.” (KATRIB, 2010, p. 21) Nessa perspectiva, as representações, os símbolos e os significados desse movimento festivo são permeados pelas relações religiosas que seus participantes constroem e reconstróem ao longo dos anos.

No entanto, é necessário ressaltar que,

No contexto dinâmico da cultura popular, as Congadas têm sua efetivação em várias regiões do país de forma diferenciada. Em algumas se mantêm vivas por pequenos grupos que persistem todos os anos em atualizar essa prática cultural, mas noutros, ela ganha uma dinamicidade expressiva, fazendo com que durante o período dos festejos os sujeitos e a própria cidade onde é realizada passem a viver em função de sua realização, como acontece em Uberlândia, Ituiutaba, Romaria em Minas Gerais, dentre outros municípios brasileiros. (KATRIB, 2010, p. 21-22)

composto por pessoas que se concebem como parentes e que possuem laços de amizade e compadrinhos. [...] O terno é organizado a partir de uma hierarquia rígida (primeiro capitão, segundo capitão, soldados) e a transmissão dos cargos de comando e prestígio (capitão e madrinha da bandeira, por exemplo) é geralmente pautada na hereditariedade.” (SILVA, 2016, p. 29)

Dessa forma, segundo o autor, o universo que perpassa o contexto festivo da congada é compreendido como um amálgama de saberes e fazeres, sejam eles religiosos, culturais, simbólicos, sociais, dentre outros. A festa, nesse sentido, abarca construções significativas e que mantêm viva a pertença identitária de um povo, assim como suas (re) significações e relações de dinamicidade (KATRIB, 2010). A congada é, como já dito, um movimento realizado e vivido diariamente, ao longo das gerações, construída por ternos de Congos, Moçambiques, Catupés, Marinheiros, dentre outros, e de uma Irmandade que organiza tais grupos. Dessa forma, corrobora-se com Katrib (2009, p. 23), quando o mesmo atribui à festa uma percepção de elaboração de “outros modos de vida e pertencimentos identitários”. A congada é, sob essa perspectiva, um ‘modo de vida’ que constante e dialeticamente é (re) construído.

Hall (2003, p. 322) aponta que “[...] a cultura popular tem sempre sua base em experiências, prazeres, memórias e tradições do povo. Ela tem ligações com as esperanças e aspirações locais, tragédias e cenários locais que são práticas e experiências cotidianas de pessoas comuns.” Ainda, atenta-se para o fato de que “[...] a cultura popular negra tem permitido trazer à tona, até nas modalidades mistas e contraditórias da cultura popular *mainstream*, elementos de um discurso que é diferente - outras formas de vida, outras tradições de representação.” (HALL, 2003, p. 324, grifo do autor)

Nessa direção, as mulheres negras inseridas no contexto congadeiro perpetuam e ampliam a relevância desses espaços culturais de resistência e consolidação cultural. Ainda, tem-se como hipótese que a presença delas se dá de forma significativa na luta pela legitimação de poder de fala e escuta.

4 Mulheres negras enquanto sujeitas políticas: que lugar de fala é esse?

Discutir as questões que perpassam as singularidades da mulher negra parte inicialmente de algumas reflexões que atravessam o cotidiano no processo de (re) descobrimento de pertencimentos étnicos e culturais. Ao falar dessas questões, trazem-se à tona as lacunas históricas de corpos e vozes que foram e são silenciados e impedidos de ocupar determinados espaços.

Em trabalho intitulado “O que é lugar de fala?”¹², Djamila Ribeiro proporciona um diálogo com ideologias e posicionamentos de algumas feministas negras, como Sueli Carneiro, bell hooks, Lélia Gonzalez, Angela Davis, dentre outras, partindo da problematização dos lugares subalternizados e destituídos historicamente do poder de fala. A autora possibilita examinar as estruturas de poder que operam na sociedade, nas quais as próprias identidades são/estão cada vez mais suprimidas por hierarquias, que podem definir até que ponto algumas humanidades são negligenciadas, coisificadas e, por vezes, negadas.

A partir de tais apontamentos, entende-se que não há como construir um posicionamento sobre lugar de fala, e em específico sobre o lugar de fala da mulher negra, sem tratar das opressões que se entrecruzam no âmbito da raça, classe e gênero. Nesse sentido, é necessário questionar: Quais vozes são ouvidas? O que faz com que se viva em uma sociedade estruturada sobre o racismo, sexismo, LGBTfobia, dentre outras formas de discriminação? E como tais padrões de opressão se cristalizaram no imaginário social com o passar de mais de cinco séculos, naturalizados e reproduzidos com tanta frequência? (RIBEIRO, 2017)

Nessa perspectiva,

O que se quer com esse debate, fundamentalmente, é entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades. Logo, [...] atenta-se para o fato de que as desigualdades são criadas pelo modo como o poder articula essas identidades; são resultantes de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimento de outros. (RIBEIRO, 2017, p. 31)

¹² Obra pertencente à coleção *Feminismos Plurais*. Sob organização do grupo Editorial Letramento, um dos objetivos centrais da coleção *Feminismos Plurais* é enaltecer e potencializar produções intelectuais de grupos historicamente inferiorizados, compreendendo-os enquanto sujeitos políticos (RIBEIRO, 2017). A coleção conta com obras como “O que é Lugar de fala?” (Djamila Ribeiro); “O que é empoderamento?” (Joice Berth); “O que é encarceramento em massa?” (Juliana Borges); “O que é interseccionalidade?” (Carla Akotirene Santos). (JUSTIFICANDO, 2017)

Pensar no sentido contra hegemônico é compreender a dinamicidade das identidades, partindo também de uma perspectiva descolonizada ao considerar que “existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções [...]. Para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos.” (RIBEIRO, 2017, p.35). Nessa direção, é necessário refletir sobre a universalização da categoria mulher, e compreender que esta generalização precisa ser desconstruída (RIBEIRO, 2017).

Problematizar a condição de mulheres negras na sociedade brasileira é partir de um ponto de vista específico, diferente de fazê-lo a partir da posição de mulheres brancas, indígenas etc. É necessário ressaltar que as reivindicações de um grupo não são mais importantes que as do outro, como já afirmaram algumas feministas negras. Trata-se apenas da compreensão de que mulheres brancas e mulheres negras partem, desde o período da colonização brasileira, de pontos de partida distintos, e esse início precisa ser considerado (RIBEIRO, 2017).

Ainda, nessa perspectiva, é necessário um olhar cuidadoso às relações que se originam das intersecções entre raça, classe e gênero, compreendendo que a partir delas outras experiências são possíveis. (DAVIS, 2011). Segundo Carneiro (2011, p. 1),

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas [...]. Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto.

Esses apontamentos permitem inferir que as condições de existência das mulheres no contexto brasileiro, sob a ótica do grupo a que pertencem na estrutura social, resultam em uma série de implicações, possibilidades e oportunidades de acesso a bens, serviços e espaços. De quem e de onde se fala quando se reivindicam os espaços de poder, de representatividade, de incentivo à produção cultural, de políticas públicas de saúde, educação, moradia, dentre outras, partindo do pressuposto de que o mito da democracia racial buscou homogeneizar e retirar/minimizar demandas históricas de agendas políticas?

Ao tratar sobre a “construção de uma nova utopia”, Davis (2011) aponta uma atitude de reação ao modelo social imposto e a essa estrutura que oprime, segrega e deslegitima as subjetividades. As mesmas desigualdades sociais que permearam o processo de formação

nacional, reaparecem no século XXI sob novas roupagens. A partir desse contexto, “precisamos achar um modo de dar conta e saber como vamos interligar nossas lutas e visões e chegar a algumas conclusões sobre como desenvolver novos valores revolucionários e, principalmente, como desatrelar valores capitalistas de valores democráticos.” (DAVIS, 2011, p. 6)

A respeito desses apontamentos e das incidências desse modelo de estrutura social nas vivências das pessoas, publicações provenientes de pesquisas de cunho nacional¹³ permitem identificar e quantificar de modo mais preciso como as desigualdades sociais se estruturam e se reproduzem. Tais pesquisas são relevantes no sentido de buscar um direcionamento por parte do Estado para a elaboração de políticas públicas que, de fato, promovam certa equidade social, atingindo sujeitas/os marginalizadas/os.

Ribeiro (2017), fazendo alusão ao *Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*, reflete que,

Quando muitas vezes é apresentada a importância de se pensar políticas públicas para mulheres, comumente ouvimos que as políticas devem ser para todos. [...] Se mulheres, sobretudo negras, estão num lugar de maior vulnerabilidade social justamente porque essa sociedade produz essas desigualdades, se não se olhar atentamente para elas, se impossibilita o avanço mais profundo. [...] A insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto. (RIBEIRO, 2017, p. 41)

Segundo o documento citado pela autora, enquanto o homicídio de mulheres brancas caiu 9,8% de 2003 a 2013, o homicídio de negras aumentou 54,2% no mesmo período (WAISELFISZ, 2015, p. 30). Ribeiro (2017) complementa que

[...] esse aumento alarmante nos mostra a falta de um olhar étnico racial no momento de se pensar políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres, já que essas políticas não estão alcançando as mulheres negras. O ‘mulheres’ aqui, atingiu, majoritariamente, mulheres brancas. (RIBEIRO, 2017, p. 42, grifo da autora)

O *Atlas da violência de 2018*, elaborado pelo Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), corrobora com os dados já apresentados. Segundo este, é imprescindível considerar as variáveis de gênero e raça para compreender a situação de violência a que as mulheres são expostas cotidianamente em nosso

¹³ LEÃO et. al (2017) dentre outros.

contexto social. De acordo com a pesquisa, em mais de doze estados brasileiros, o número de homicídios envolvendo mulheres negras teve um acréscimo superior a 50% (CERQUEIRA et al. 2018). Em dez anos (2006-2016),

[...] considerando-se os dados de 2016, a taxa de homicídios é maior entre as mulheres negras (5,3) que entre as não negras (3,1) – a diferença é de 71%. [...] a taxa de homicídios para cada 100 mil mulheres negras aumentou 15,4%, enquanto que entre as não negras houve queda de 8%. (CERQUEIRA et al., 2018, p. 51)

As pesquisas apontam que as taxas de mortalidade no país assumem uma posição específica em relação aos grupos étnicos que compõem a sociedade brasileira, principalmente quando são incorporadas as questões de gênero à análise. É alarmante verificar que, em dez anos (2006-2016), o número de homicídios envolvendo mulheres negras cresceu a ponto de ultrapassar a média nacional.

Se, historicamente, as práticas genocidas tais como a violência policial, o extermínio de crianças, a ausência de políticas sociais que assegurem o exercício dos direitos básicos de cidadania têm sido objetos prioritários da ação política dos movimentos negros, os problemas colocados hoje pelos temas de saúde e de população nos situam num quadro talvez ainda mais alarmante em relação aos processos de genocídio do povo negro no Brasil. (CARNEIRO, 2011, p. 2)

Tais dados evidenciam que a luta pelo direito à vida, e diversas outras pautas defendidas pelo movimento negro são, além de legítimas, necessárias. Essa “política de extermínio invisível” que paira na sociedade tem objetivos concretos, que se materializam, dentre outros fatores, por meio da postura omissa do Estado em se posicionar frente à real situação de existência da população negra. Desta feita, partilha-se da concepção de que é preciso “[...] tirar essas pautas da invisibilidade [...] para se romper com essa tentação de universalidade que exclui” (RIBEIRO, 2017, p. 42-43).

‘Tirar pautas da invisibilidade’ denota compreender que elas se apresentam em vários âmbitos. É também preciso tirar da invisibilidade os motivos que levam os corpos negros cotidianamente à morte nesse país, e a naturalização que foi construída sobre essa realidade; é preciso tirar da invisibilidade a falta de políticas públicas que se proponham efetivamente a parar o genocídio da população negra brasileira; é preciso tirar da invisibilidade as produções acadêmicas, artísticas e culturais, dentre outras, que tratam das questões étnico-raciais para que outras narrativas possam surgir, que contenham a história sob outros ângulos e vivências. É preciso que todas as pessoas e vozes tenham seus lugares respeitados, no intuito de

construir discursos e práticas mais equânimes e condizentes com os grupos sociais existentes no Brasil.

Ao refletir sobre a questão da invisibilidade de autoras negras no campo literário, conceituando uma possível “literatura afro-brasileira”, Evaristo (2009) aponta que é preciso compreender que as produções escritas trazem aspectos pertencentes às subjetividades de homens e mulheres negras brasileiras, dando a elas um caráter particular. Nessa perspectiva, ressalta-se que

Afirmando um contra-discurso à literatura produzida pela cultura hegemônica, os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua. (EVARISTO, 2009, p. 27)

Sob esse viés,

Conhecemos uma quantidade imensa de pensadores brancos, as suas discussões sustentam continuamente os nossos estudos. Quando nos dedicamos a análises que sejam atravessadas pelas demandas raciais, aparecem os grandes pensadores negros: em sua maioria homens. E onde estão as mulheres negras? Onde estamos? (NATÁLIA, 2018, p. 758)

Nesse sentido, é relevante a problemática da diversidade e multiplicidade de locais de fala no âmbito das produções acadêmicas e literárias, em todo o processo educacional. É necessário que cada vez mais as mulheres negras promovam discussões sobre as temáticas e demandas específicas, partindo do pressuposto de que o silenciamento histórico deste grupo precisa ser questionado e problematizado em várias instituições sociais, inclusive na universidade.

Dessa forma, acredita-se que a presente pesquisa contribui para evidenciar as mulheres negras que constroem e participam da congada, e para além disso, a consideração de seus saberes e vivências como relevantes. Compreende-se que tais estudos emergem no sentido de estimular a produção de estudos que consideram os conhecimentos populares, imprimindo a eles a devida importância, e ampliando os olhares sobre cultura, identidade, dentre outros aspectos.

5 A perspectiva das produções científicas: as mulheres negras nas pesquisas

Identifica-se o crescimento de pesquisas na área das Ciências Humanas, com temas relacionados às mulheres negras e suas diversas formas de ser e estar na sociedade. A partir de tal afirmação, infere-se que o crescimento no âmbito acadêmico destas pesquisas é proveniente, dentre outros fatores, do aumento de alunas/os negras/os na universidade; da resistência a partir da apropriação e produção do conhecimento como forma de legitimação de identidade, assim como a possibilidade de outras formas de produzir saberes sob visões de mundo diferentes das que são apresentadas cotidianamente; da atuação de grupos de estudos e coletivos que problematizam as questões étnicas no âmbito tanto da educação básica, quanto do ensino superior e pós-graduação, dentre outros.

A partir de uma busca no banco de dados de teses e dissertações da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e no *site* Google Acadêmico, foi possível encontrar pesquisas relacionadas às mulheres negras com diferentes perspectivas e análises distintas. Os estudos lidos têm como objetivos discutir, problematizar, compreender, questionar e refletir acerca deste grupo social. Questões de identidade, representatividade, políticas públicas, educação, produção cultural, saúde, movimento social, território, tempos, espaços, sexualidade e literatura, são algumas das temáticas que perpassam as pesquisas produzidas.

Tendo em vista a multiplicidade de enfoques das produções, selecionaram-se, nos referidos *sites*, algumas pesquisas que discutem a posição de mulheres negras tanto a partir de uma concepção que as legitima enquanto seres políticos e com lugar de fala definido, quanto no âmbito da congada. Nesse sentido, analisaram-se os resumos dos trabalhos no intuito de compreender do que as pesquisas tratavam sem o objetivo de abarcar a totalidade destes.

Cestari (2015), em “**Vozes-mulheres negras ou feministas e antirracistas graças às yabás**”, discute as formas de luta que as mulheres negras empreendem na busca por enunciação; utilizando-se da análise do discurso e do feminismo negro para compreender como as lutas por esse direito de enunciar-se, em uma perspectiva antirracista e sexista, se efetivaram a partir da metade da década de 1970. Alguns pontos de análise perpassam os estereótipos sociais colocados à mulher negra, sua invisibilidade e silenciamento. Em sua pesquisa, a autora posiciona as “[...] *mulheres negras* como sujeitas de um dizer próprio em um *corpus* heterogêneo que perpassa a produção teórica, literária e intervenções políticas de intelectuais/ativistas negras.” (CESTARI, 2015, p. 10, grifos da autora)

Na tese intitulada “**Intelectuais negras:** escrituras de mulheres negras brasileiras e angolanas como instrumento de resistência sociocultural”, Ceva (2013) buscou identificar, a partir da literatura produzida por mulheres afro-brasileiras e angolanas, como tais produções escritas se configuram como ferramentas de militância e enfrentamento. Utilizou categorias como “intelectuais negras”, “racismo”, “gênero” e “sexismo”, que contribuíram para a hipótese de que estas auxiliam para a “construção de uma identidade racial positiva baseada em valores civilizatórios de matriz africana, tais como: memória, oralidade e ancestralidade (*Doma, Griot e Sankofa*).” (CEVA, 2013, p. 8, grifos da autora)

Em “**Outras falas:** feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras”, Cardoso (2012) busca compreender como as opressões de gênero, raça, sexualidade e classe podem servir como mecanismos de organização para reivindicar por lugares de evidência no processo de luta frente a estas. Dessa forma, analisa a reconstrução das vozes e pautas feministas a partir da incorporação das demandas das mulheres negras. A autora afirma que as ativistas negras brasileiras, a partir de experiências, conhecimentos e ações inerentes às mulheres negras, criaram um feminismo singular de tal modo que pode ser considerado “um pensamento feminista crítico [...] que defende a pluralidade epistemológica para revelar a contribuição das mulheres negras em diversas áreas do conhecimento.” (CARDOSO, 2012, p. 7). Questões como “descolonização do conhecimento”, “interseccionalidade” e posicionamento frente às “estruturas de poder” também são problematizadas na pesquisa. (CARDOSO, 2012)

Chaves (2008), em “**As lutas das mulheres negras:** identidade e militância na construção do sujeito político”, atribui às mulheres negras e suas lutas sociais um papel de relevância na busca pela construção de uma sociedade sem racismo e sexismo, buscando redefinições nas perspectivas do que é ser mulher negra. Segundo a autora, a pesquisa não procura encontrar respostas universais que abarquem as vivências das mulheres, mas sim contribuir na “construção de uma outra história de mulheres, uma história escrita no feminino, uma história de possíveis.” (CHAVES, 2008, p.6)

Sob outro contexto, algumas pesquisas tratam da análise das mulheres negras no âmbito da cultura congadeira, apresentando-se como significativas contribuições para este campo de produções científicas.

Desta feita, no texto intitulado “**Entre a cozinha e a mesa, entre altares e rosários:** alimentação e relações de gênero nas festas de reinado e congadas de Goiânia”, Costa (2016) apresenta a abordagem do universo congadeiro nas festas em Goiânia (GO). A autora busca observar a festa a partir do ambiente onde se preparavam as comidas, ou seja, a cozinha,

objetivando investigar se a prática de cozinhar era, ou não, algo eminentemente de responsabilidade das mulheres, e compreender as relações que, a partir desse contexto, se estabeleciam.

Por sua vez, Tavares Netto (2015) buscou compreender no estudo “**Trabalho, fé e patriarcado:** as mulheres na produção socioespacial das congadas de Catalão (GO)”, qual é o papel exercido pelas mulheres que participavam da construção e organização da festa, trabalhando para que esta acontecesse. A partir das análises teóricas e das vivências empíricas, a autora chegou a algumas considerações, tais como a de que “[...] essa invisibilidade faz parte da construção histórica da divisão de papéis para homens e mulheres, que ao longo do tempo associou as mulheres ao espaço privado, e os homens ao espaço público [...].” (TAVARES NETTO, 2015, p. 6).

Corroborando com essa discussão, no trabalho “**Sob o manto azul de Nossa Senhora do Rosário:** mulheres e identidade de gênero na congada de Catalão (GO)”, Paula (2010) discute o universo congadeiro a partir da perspectiva da invisibilidade histórica da mulher negra, respaldando-se nas categorias de espaço e gênero para compreender as relações que perpassam a construção da festa. Principalmente, como se configuram as especificidades do espaço público e privado, para o homem e para a mulher, levando em consideração as atribuições históricas desses papéis. Sob esse viés, segundo a autora, problematizar esta temática, abrangendo a questão “[...] acerca das mulheres e identidade de gênero na Congada, tendo a (in) visibilidade espacial da mulher como tese, ultrapassa os limites da congada e atinge a realidade sociocultural da mulher negra e brasileira.” (PAULA, 2010, p. 8)

Soares (2009), na dissertação “**Salve Maria (s):** mulheres na tradição do congado em Belo Horizonte, MG”, ressalta que a festa de congado é uma das mais relevantes manifestações culturais e religiosas do estado mineiro, evidenciando que a presença feminina sempre existiu nesse contexto, só que em espaços diferentes dos que eram reservados aos homens. A autora relata que é mais recorrente a participação das mulheres em lugares que antes eram, no âmbito da festa, puramente dos homens. Sob tais perspectivas conclui-se que “o congado é um espaço marcado por especificidades de gênero e que a ocupação pelas mulheres de lugares mais valorados demonstra uma reordenação nos espaços de poder na manifestação.” (SOARES, 2009, p. 9)

Em outra perspectiva de análise, Silva (2018) busca entender que papel é realizado pelas mulheres congadeiras, no interior de Minas Gerais, partindo da compreensão delas enquanto sujeitas que vivenciam diariamente esse contexto festivo. Em seu texto “**Mulheres negras no congado:** as capitãs da memória congadeira”, a autora ressalta que “a atuação das

mulheres vai muito além da mera execução de tarefas. São elas as mantenedoras dos vínculos identitários, familiares, religiosos que estão presentes nessa prática cultural [...]” (SILVA, 2010, p.227). Assim, a partir das relações que se estabelecem ao longo das gerações e das vivências festivas e devocionais da congada, a autora afirma ser elas, as mulheres, as “guardiãs da memória congadeira” (p.228). Desse modo, mesmo compreendendo a relevância destas no processo de manutenção cultural, a autora nos instiga à reflexão ao afirmar que os cargos de comando (seja no interior dos grupos ou na presidência das Irmandades) ainda são pouco ocupados pelas mulheres nos municípios do interior de Minas Gerais.

A partir da análise dos estudos apresentados, acredita-se serem significativas as contribuições de tais reflexões empreendidas por outros/as pesquisadores/as a respeito da temática desta pesquisa. Tais produções teóricas contribuem para a compreensão desse grupo social brasileiro, assim como promovem o diálogo e ampliam a compreensão sobre a temática.

Ainda, o fato de saber que as pesquisas acadêmicas a respeito da mulher negra estão sendo feitas, sob diversas perspectivas e espaços no âmbito, responde positivamente no sentido de contribuir na legitimação desse local de fala enquanto ato político, uma vez que quando não se coloca em evidência determinadas lacunas sociais e demandas históricas, não se vislumbra perspectivas de mudanças estruturais e conceituais.

6 Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa enquadra-se no viés da pesquisa social, uma vez que ela “[...] trabalha com *gente e com suas realizações*, compreendendo as pessoas ou grupos como atores sociais em relação e em perspectivas.” (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2016, p. 57, grifo da autora). Sob esse viés, a escolha por trabalhar com a abordagem qualitativa se deu porque se compreende que

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, dentro das Ciências Sociais, com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas também por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes. (MINAYO; DESLANDES; GOMES 2016, p. 20)

Nessa perspectiva, os relatos orais são carregados de significados e memórias que dão a esta pesquisa uma dimensão singular. Compreender as relações entre sentidos atribuídos, valores e opiniões das entrevistadas fará parte então desse processo na perspectiva qualitativa, na qual a subjetividade está presente.

Existem 7 (sete) ternos de congada, entre Moçambique, Congos e Marinheiros no município onde foi realizada a pesquisa no ano de 2018. Para este trabalho, restringiu-se ao primeiro terno de Moçambique fundado no município, por ser o mais antigo, contendo em média 190 integrantes, sendo que aproximadamente mais da metade desse número são mulheres.

Com o intuito de ter contato com esse público, realizou-se um trabalho de campo, compreendendo-se que este

[...] permite a aproximação, do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, e também visa a estabelecer uma interação com os diferentes “atores” (pessoas com as quais vamos trabalhar) que fazem parte da realidade. Assim, sua finalidade é construir um conhecimento empírico, considerado importantíssimo para quem faz pesquisa social. (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2016, p. 56, grifo da autora)

Ainda, segundo autora, para que o trabalho de campo seja rico e significativo, é necessário que a fase exploratória que o antecede seja realizada adequadamente (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2016). Dizer isso significa que ele

[...] depende da clareza da questão colocada, do levantamento bibliográfico bem-feito que permita ao pesquisador partir do conhecimento já existente e não repetir o nível primário da “descoberta da pólvora”, dos conceitos bem trabalhados que viabilizem sua operacionalização no campo das hipóteses formuladas. (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2016, p. 56)

O trabalho de campo se deu por meio das observações em alguns leilões que antecederam a festa, assim como no dia da realização da festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário no ano de 2018. As observações foram registradas em um diário de campo, no qual procurou-se anotar aspectos como as relações interpessoais que ocorriam, os papéis desempenhados pelas mulheres, suas contribuições na realização das atividades, dentre outros.

A revisão bibliográfica contribuiu para construir conhecimentos mais amplos sobre as temáticas que perpassam esta pesquisa, assim como esclarecer algumas questões necessárias. Baseou-se em Ribeiro (2017, 2018), Natália (2018), Gomes (2005, 2017), Carneiro (2011), Gonzalez (1984), Davis (2011), Katrib (2009, 2010, 2013), Naves e Katrib (2008), Paula (2010), Silva (2016), dentre outros.

Elaborou-se um roteiro de entrevista semiestruturado com 10 perguntas, com base no referencial teórico, na problemática e nos objetivos da pesquisa. Sobre a relevância deste instrumento de coleta de dados, esta

[...], é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. [...] Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objeto. (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2016, p. 58)

Nesse sentido, as entrevistas foram feitas com 4 (quatro) mulheres, com o intuito de identificar as participantes, há quanto tempo integram o grupo, como concebem a importância de ser mulher dentro da congada e quais implicações se originam a partir desse local de fala. Ainda, com base nos questionamentos levantados, procurou-se entender o impacto para a manutenção da cultura congadeira do grupo ao qual fazem parte.

Sob essa perspectiva,

[...] compreendemos que, por meio dos relatos dos congadeiros, poderíamos entrever melhor as tramas simbólicas que costuram os fios das suas memórias, entendendo os sentidos que envolvem a transmissão dos saberes herdados e sua significação como revitalizadora da história desses grupos sociais. (SILVA; KATRIB, 2013, p. 125).

As mulheres convidadas para participar da pesquisa foram as com mais tempo de participação no grupo, que desempenham alguma função específica, como a coordenadora geral e a madrinha da bandeira, e que possuem relações de hereditariedade com os fundadores, e com os demais membros do grupo. As entrevistas foram gravadas com um aparelho celular e tiveram aproximadamente 40 minutos de duração cada uma.

As informações, obtidas a partir das entrevistas, foram tratadas por meio da análise de conteúdo, que se configura enquanto

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2016, p. 48)

Segundo a autora, ainda, sobre a análise de conteúdo em entrevistas,

[...] lidamos [...] com uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que uma pessoa - o entrevistado - orchestra mais ou menos à sua vontade. Encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa. A subjetividade está muito presente: uma pessoa fala. Diz “Eu”, com o seu próprio sistema de pensamentos, os seus processos cognitivos, os seus sistemas de valores e de representações, as suas emoções, a sua afetividade e a afloração do seu inconsciente. [...] cada pessoa serve-se dos seus próprios meios de expressão para descrever acontecimentos, práticas, crenças, episódios passados, juízos [...]. (BARDIN, 2016, p. 93-94).

Na perspectiva da análise de conteúdo, procedeu-se, inicialmente, à análise temática, a qual foi utilizada no sentido de compreender os “[...] ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objeto analítico escolhido.” (BARDIN, 2016, p. 135). Ou seja, a partir das temáticas que foram evidenciadas nas falas das entrevistadas, seja pela frequência em que apareceram, ou pela significativa relevância que carregaram, foram construídas as seguintes categorias de análise: 1) Caracterização do grupo e das participantes da pesquisa; 2) Mulheres negras e suas existências singulares e potentes: o que é ser mulher na congada? e 3) Perspectivas entre saberes, fazeres e (re) existências.

Os depoimentos foram organizados a partir de tais categorias para melhor compreender os temas que se sobressaíram nas entrevistas. Entende-se que ao utilizar esse instrumento de coleta de dados é necessário um olhar cuidadoso às mensagens e significações

que são emitidas pela/o entrevistada/o, uma vez que “qualquer pessoa que faça entrevistas conhece a riqueza desta fala, a sua singularidade individual [...]” (BARDIN, 2016, p. 94). Nessa perspectiva, o respeito aos relatos das entrevistadas é de suma importância, uma vez que pertence a elas o enredo da vivência congadeira. Por isso, após o término desta pesquisa, os resultados serão apresentados ao grupo no qual os dados foram obtidos.

Ressalta-se que a intenção foi obter respostas para algumas questões que apenas pela observação e revisão bibliográfica não seria possível, visto a especificidade dos relatos orais. Para a coleta e análise dos dados, levaram-se em consideração alguns quesitos iniciais, tais como aprovação do projeto de pesquisa pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa); autorização da coordenação do terno selecionado para iniciarem-se as observações e entrega de termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE), para preservação da identidade das mulheres participantes das entrevistas.

As entrevistadas foram nomeadas no texto como A, B, C e D. Não foram incluídos homens e crianças na pesquisa. A escolha por trabalhar especificamente com as mulheres se deu por acreditar no delineamento do trabalho, no qual a centralidade das concepções destas sobre as problemáticas aqui levantadas ocupam um papel significativo nas análises empreendidas. Buscou-se compreender os saberes e fazeres, em que elas pudessem se posicionar e expor suas perspectivas. Ressalta-se que, durante as observações, houve conversas informais com outros componentes do grupo, como as mulheres que não foram entrevistadas e alguns homens, o que também contribuiu para compreender-se mais sobre a dinâmica do grupo, sua história e sua identidade.

7 Análise das entrevistas

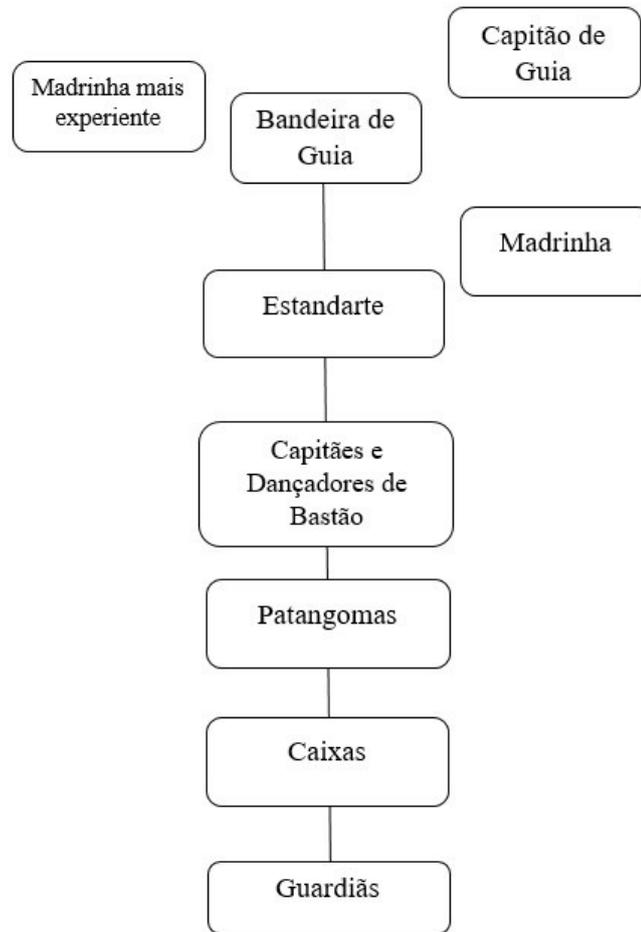
7.1 Caracterização do grupo e das participantes da pesquisa

A festa de congada no município onde se realizou a presente pesquisa ocorre há mais de sessenta anos, sendo que o terno pesquisado se configura como o primeiro criado na cidade, fundado na segunda metade do século XX. O município conta, em 2018, com 7 (sete) ternos oficialmente ligados à Irmandade que os organiza e coordena a festa, em sua maioria de matrizes católicas, mas contendo também grupos que se autodenominam de matrizes afro-brasileiras. A festa recebe grupos de toda a região durante os dias de festividade que ocorre anualmente no mês de maio, e é uma das expressões artístico-culturais mais relevantes do município. A partir da segunda metade do século XX, a prática festiva foi se reafirmando ano após ano, enquanto movimento de resistência e produção de cultura do povo negro brasileiro, configurando-se assim como manifestação de viés imaterial.

Segundo as participantes, o grupo conta com 190 a 250 integrantes. Em todos os relatos, foi ressaltado que mais da metade do grupo é composto por mulheres, o que atribui ao terno uma significativa participação feminina.

Segundo a entrevistada A, na data do aniversário de sua avó, na segunda metade do século XX, seu avô convidou alguns dançadores para fazerem uma surpresa para comemorar a data. Nascia-se assim o terno de Moçambique. Durante as observações e conversas com alguns congadeiros do grupo, foi notório o caráter respeitoso com que os envolvidos compreendem a história de criação do terno, pautada na homenagem à matriarca da família. Pontua-se dessa forma, que o papel exercido por esta mulher negra atribuiu um significado singular tanto na construção do grupo, quanto na forma como existe e se configura hoje, o que imprime a ele, de forma direta e indireta, um caráter matriarcal.

A Figura 1 representa como o terno se estrutura espacialmente na festa de congada. Ressalta-se que o intuito não é tratar exaustivamente sobre sua forma de organização, contudo acredita-se ser necessário compreendê-la para analisarmos o lugar ocupado pelas mulheres nesta configuração. Ainda, é válido frisar que tal estrutura não é um padrão seguido por outros grupos, podendo variar de acordo com as especificidades e identidade de cada terno.

Figura 1: Organização espacial do terno

Fonte: Informações concedidas pela entrevistada A.

A partir das informações coletadas em campo, e da revisão bibliográfica, pontua-se que o capitão de guia é a posição ocupada por um dos capitães mais experientes (no caso do grupo em questão, por um dos netos biológicos dos fundadores) que tem a função de observar e organizar a passagem para as/os demais integrantes, além de coordenar e orientar toda a configuração em que se estrutura a apresentação do terno. Também é função do capitão representar o terno junto à Irmandade, dentre outras atribuições (SILVA, 2016).

Pela percepção construída a partir da vivência da festa, percebe-se ser esta uma posição bastante respeitada por todas/os as/os integrantes do terno, e que atribui poder a quem a ocupa. Atualmente, o capitão de guia, assim como os demais capitães (no terno há mais de um capitão) é uma posição ocupada exclusivamente por homens.

Sobre essa questão, Silva (2018) reflete que no interior mineiro, ainda há um número pequeno de mulheres ocupando posições de destaque como capitães ou mesmo presidindo as Irmandades. Ainda, segundo a autora, tal configuração pode ser interpretada a partir da

concepção de poder que tais posições denotam, esbarrando muitas vezes no padrão machista que estrutura nossas relações sociais, definindo os lugares permitidos a serem ocupados pelas mulheres.

As madrinhas por sua vez, possuem a função de acompanhar, observar, organizar, orientar e (principalmente) zelar pela bandeira do grupo e pelo estandarte, que são elementos importantes, além de simbolizar sua religiosidade, construindo sentidos a este (GEERTZ, 1989). O estandarte é um dos principais símbolos que representa a identidade do terno, e “[...] tem estampado nele as diferentes imagens dos santos de devoção do grupo, em especial, a de Nossa Senhora, Santa Efigênia e São Benedito.” (KATRIB, 2009, p. 166). Segundo os relatos das entrevistadas, tanto a bandeira quanto o estandarte têm denotações bastante relevantes para o grupo, sendo atribuído à eles significados tanto materiais quanto religiosos. Tais aspectos imprimem diferentes interpretações sobre o que esses símbolos representam na dinâmica da festa, como pontua Katrib (2009).

Ainda sobre as madrinhas, a mais experiente (também uma das entrevistadas), é sua integrante há 46 anos. Pelo exposto na entrevista e nas conversas durante a observação em campo, apresenta um amplo conhecimento sobre a congada e sua dinâmica. Segundo a entrevistada B, as madrinhas também são responsáveis pela ligação entre o capitão de guia e as/os demais membras/os do terno, no sentido de facilitar a comunicação, e auxiliar na solução de possíveis problemas que surjam, desde os internos, até os de percurso no dia da festa.

As patangomas¹⁴, assim como as caixas possuem a finalidade de produzir os ritmos musicais do grupo, sendo utilizadas, em sua maioria por homens. São instrumentos produzidos pelos próprios integrantes e que segundo o capitão de guia, exige das pessoas responsáveis por eles, comprometimento e responsabilidade.

As guardiãs ficam ao final de toda organização do grupo. Trata-se de mulheres, as mais experientes em sua maioria, que têm a função de “fechar” a apresentação. Segundo as entrevistadas, as guardiãs são aquelas mulheres que pedem proteção aos santos de devoção para que toda a congada seja abençoada, e ao final da festa, agradecem pelas graças recebidas. Elas acompanham todo o trajeto, assim como participam da organização dos terços, leilões, e outras atividades que antecedem o dia da congada. Ao observar a festa, e alguns leilões antecedentes à mesma, percebe-se a relevância dessas mulheres, durante toda organização e

¹⁴ “[...] são instrumentos musicais cuja forma se assemelha a chapéus de lavradores chineses, fechados de dois em dois por seus lados côncavos, e possuem em seu interior esferas metálicas que produzem um som característico” (BITTENCOURT JUNIOR, 2006, p. 263)

preparação para que tudo saia conforme o planejado. Há assim, um processo de ensino-aprendizagem entre as gerações, no sentido que as mulheres mais experientes ensinam as mais novas os saberes e fazeres para dar continuidade à construção da história, e como permanecer reivindicando e reafirmando o lugar da mulher negra dentro da Congada.

Em relação às mulheres negras congadeiras, participantes desta pesquisa, apresenta-se a caracterização destas, conforme o Quadro 1.

Quadro 1: Caracterização das participantes da pesquisa

<p>Entrevistada A: Tem 48 anos de idade, e há 46 integra o Moçambique. Atualmente é a madrinha da bandeira mais experiente. Sua avó fez parte da fundação do grupo do qual participa hoje, tendo um papel bastante importante nessa criação.</p>
<p>Entrevistada B: Tem 66 anos e integra o grupo desde que nasceu, uma vez que é filha dos fundadores. Hoje atua como coordenadora geral do Moçambique e é presidente da Irmandade responsável pela festa no município. Seu filho é um dos capitães do terno.</p>
<p>Entrevistada C: Tem 64 anos. Integra o grupo desde que nasceu, uma vez que é filha dos fundadores. Atualmente, contribui em diversas partes do grupo, inclusive nas atividades que antecedem a festa como os leilões, terços, dentre outros. Auxilia também na confecção das indumentárias das/os integrantes do grupo.</p>
<p>Entrevistada D: Tem 18 anos, e integra o Moçambique desde que nasceu. É neta da coordenadora do grupo e filha de um dos capitães. Atualmente é uma das mulheres responsáveis pelo estandarte.</p>

Fonte: Dados obtidos pela autora a partir das entrevistas realizadas

Subsidiando-se pela identificação das entrevistadas, verificam-se alguns pontos convergentes, como o fato de serem unidas por laços biológicos e participantes do grupo desde sua fundação (como a entrevistada B e C, que são filhas dos fundadores). Essas características contribuem para a construção de uma identidade que perpassa pela cultura congadeira, assim como a relação de pertencimento ao grupo, uma vez que têm contato com esse modo de vida (Congada) desde o nascimento. Além disso, desempenham papéis específicos no grupo, como madrinha da bandeira (entrevistada A); e uma das responsáveis pelo estandarte (D), o que evidencia a relevância e o protagonismo delas, mas ainda não como capitães (SILVA, 2018). Destaca-se, contudo, que uma delas é presidente da Irmandade, tornando-se parte de um número reduzido de mulheres que ocupam essa posição (SILVA, 2018).

Identifica-se ainda que, a partir das posições que ocupam, imprime-se a essas mulheres um local de referência, tanto por poderem ensinar aos mais jovens as

especificidades de cada função, e por contribuir na organização e manutenção da festa de modo específico, como também da perpetuação do patrimônio cultural imaterial ao longo das gerações.

7.2 Mulheres negras e suas existências singulares e potentes: o que é ser mulher na congada?

O processo de realização das entrevistas, apesar de ser um percurso conflituoso e complexo em sua execução, torna-se, a partir de sua experiência, enriquecedor na medida em que a/o pesquisadora/pesquisador dialoga com seu campo de pesquisa, e com as/os sujeitas/os que nele se relacionam.

Ao dialogar com as quatro mulheres negras do terno de moçambique, aprendizagens sobre os modos de vida, percepção de mundo e vivências específicas deste grupo foram surgindo, e com elas, novas significações de como compreendê-las enquanto sujeitas políticas, históricas, e que produzem cultura. Em relação às mais velhas, destacam-se suas memórias como riqueza oriunda de uma ancestralidade latente, que se ressignifica diariamente por meio de seus saberes e fazeres cotidianos.

A partir dos questionamentos feitos às entrevistadas, foi possível entender mais profundamente sobre o que significa ser mulher negra neste contexto; o que a congada representa em suas vidas; que lugar as mulheres ocupam dentro do grupo, e qual a percepção das entrevistadas sobre a importância desse lugar, dentre outras questões.

Inicialmente, analisou-se o que a congada representa na vida dessas mulheres. Percebe-se que esse questionamento provocou reflexões significativas na medida em que falar da própria história e dos significados que se imprime a ela, fez com que lembrassem o que foi significativo no contato e convívio com a cultura congadeira. Dessa forma, acredita-se que “a memória enquanto relembramento é um ato solitário, único da pessoa que relembra, mas a lembrança do vivido é mediada pelas histórias, experiências e acontecimentos que envolvem outras pessoas” (KATRIB, 2009, p. 194).

Segundo as entrevistadas, a congada exerce um papel essencial em suas vidas:

[...] a congada, [...] ela é uma coisa de muito sentimento, primeiro ela é um sentimento, porque você tem que gostar e procurar saber. Porque muitas vezes, primeiro você gosta para depois você entender e defender, saber falar. E depois de adulta o terno é toda aquela alegria descomprometida, aquela felicidade livre mesmo [...]. (ENTREVISTADA B, 2018)

Pra mim? Tudo! fui criada dentro não tem jeito de falar que não é nada. Sem ela, sei lá, fica um vazio no mês de maio... (ENTREVISTADA C, 2018)

Ela representa pra mim, a minha história, uma força que vem de dentro e, por mais que a sociedade e várias outras coisas me impeça de falar o que eu sou, a congada me lembra. Me lembra o que eu sou e por que eu existo. (ENTREVISTADA D, 2018)

Nota-se que a congada preenche um espaço muito significativo na vida das entrevistadas, principalmente por serem desde criança, integrantes do grupo. No processo de entrevista, foi possível compreender que as significações às passagens das experiências no contexto das práticas congadeiras, enquanto mulheres negras, simbolizavam a construção de uma vida, e imprimiam a esse local de fala um caráter singular, no qual cada uma constrói saberes e ressignifica existências. A cada pergunta realizada, identificou-se que a resposta trazia consigo as perspectivas estruturadas no cotidiano dessas mulheres, uma vez que são estas de extrema importância na configuração da festa e na perpetuação dos saberes produzidos, o que faz com que carreguem a marca de “capitãs da memória congadeira” (SILVA, 2018, p. 225)

Ao indagar o que significava ser mulher negra na congada, obteve-se respostas que ora evidenciaram discursos pautados numa posição de resistência e reivindicação frente às opressões que perpassam o cotidiano das mulheres, ora discursos que, de certa forma, naturalizam as posições destinadas às mulheres no âmbito da congada. Percebeu-se também, uma questão geracional, na medida que o olhar de uma entrevistada com menos de vinte anos apresentou determinadas perspectivas e posicionamentos sobre o lugar de mulher negra, que o de outra entrevistada um pouco mais experiente. Ressalta-se que as duas perspectivas são significativas, principalmente por partirem de vivências em tempos diferentes.

Uma das entrevistadas relatou que

[...] muitas delas [...] não tiveram acesso acadêmico ao que eu tive, não vê algumas importâncias que quando você tem acesso acadêmico ao feminismo, você fala “meu Deus estou rodeada de mulheres feministas que não sabem o que é ser feminista!”. Quando você faz outros acessos, você percebe certas coisas. E tem esse ponto também, muitas mulheres negras da congada não tem esse tipo de acesso ao que é feminismo negro, ao que é empoderamento e várias outras coisas [...]. (ENTREVISTADA D, 2018).

Tal apontamento levanta algumas questões importantes sobre acessos, oportunidades, edificações identitárias e visões de mundo. Pontua-se a importância de se ter contato com pensamentos que permitem olhar o mundo sob outras perspectivas. Isso não significa dizer,

no entanto, que só se constrói visões críticas de mundo, na universidade. Segundo Ribeiro (2018),

[...] foi o feminismo negro que me ensinou a reconhecer diferentes saberes, a refutar uma epistemologia mestre, que pretende dar conta de todas as outras. O saber da minha avó, benzedeira, é um saber como qualquer outro. Até hoje sei que chá de boldo é infalível para curar ressaca e que álcool com arnica cicatriza picadas de mosquito. Valorizar o saber das ialorixás e dos babalorixás, das parteiras, dos povos originários é reconhecer outras cosmogonias e geografias da razão. Devemos pensar uma reconfiguração do mundo a partir de outros olhares, questionar o que foi criado a partir de uma linguagem eurocêntrica. (RIBEIRO, 2018, p. 21-22).

É preciso pontuar algumas questões, que corroboram com o que foi dito pela entrevistada D e a afirmação da autora. Construir novas formas de olhar o mundo, compreendendo a importância de vê-lo sob outras perspectivas, é uma ação necessária na compreensão e efetivação de outros projetos possíveis de democracia (RIBEIRO, 2018).

Dessa forma, os saberes oriundos da prática, das relações que se constroem no coletivo, das manutenções culturais, dentre outros, são imprescindíveis à essa construção e percepção de mundo, e especificamente da compreensão do lugar que as mulheres negras ocupam na estrutura social. De modo complementar, acredita-se que o acesso a outras epistemologias que demandam um olhar específico a determinadas opressões, contribuem para que ocorram outras interpretações sobre o que é ser mulher negra na sociedade brasileira.

Entender a cosmogonia africana e outras geografias da razão foi um instrumento de empoderamento para mim, assim como ler Patrícia Hill Collins me fez enxergar a importância de tirar proveito do lugar de marginalidade que nos foi imposto. Isso é fundamental para entender que o “não lugar” de mulher negra pode ser doloroso mas também potente, pois permite enxergar a sociedade de um lugar social que faz com que tenhamos ou construamos ferramentas importantes de transcendência. Talvez aí eu tenha percebido a estratégia de ver a força da falta como mola propulsora de construção de pontes. (RIBEIRO, 2018, p. 23)

Notou-se, ao longo das entrevistas, que as palavras reivindicação, resistência e luta apareceram de forma recorrente nos depoimentos das participantes. Infere-se que tal recorrência se dê, por vários motivos, e ao pontuar-se alguns, destaca-se o lugar que historicamente foi destinado à mulher negra; pela sua também histórica invisibilização nos espaços; pela estrutura social que perpetuou ao longo dos séculos papéis de gênero, nem sempre compreendendo-os enquanto construções sociais (PAULA, 2010).

De acordo com a entrevistada A, ser mulher na congada “[...] é uma luta, uma resistência, um modo também de gritarmos “a gente está aqui!”, e complementa que

[...] por trás de todo o movimento da congada se não fosse uma mulher, não tinha como, porque ela é responsável por muita coisa. Ela é responsável pela criação das bandeiras, a criação dos uniformes, dos adereços... você vê, a cozinha... [...] por trás disso tudo, a força maior é a força da mulher [...]. (ENTREVISTADA A, 2018)

Ainda, sobre essa questão, as entrevistadas B, C e D afirmaram que:

Eu me reporto à fala da minha mãe quando ela ganhou de presente essa primeira festa quando meu pai criou este grupo de Moçambique. Ela falou: “naquele dia eu me senti uma rainha, sabe? Eu me senti tudo! Valorizada, amada, ali todo mundo me olhava. (...) É tipo a noiva mesmo, e no dia da festa é isso [...] todo mundo é uma noiva, todo mundo é uma rainha, todo mundo é uma princesa. “Hoje é o meu dia! Meu dia de estar linda [...].” Naquele dia você é a rainha da festa, você está ali para fazer uma festa e receber uma festa. (ENTREVISTADA B, 2018)

Ai, agora você me apertou! Eu me sinto útil em tudo. Eu me sinto útil em tudo. Qualquer parte que você me colocar, eu me sinto útil. (ENTREVISTADA C, 2018)

Eu acho que é esse estado de luta que a mulher negra sempre teve e sempre foi assim. **É uma luta constante, mas só que é sutil.** As pessoas não percebem que a gente está lá o tempo todo lutando, quem olha não vê, mas a gente está lutando, a gente está segurando. É um pouco carregar um certo estereótipo também, porque sempre fica a mulher negra guerreira e tudo mais. **E de um certo modo, a gente acaba fortificando esse lugar de guerreira porque é a única forma que a gente tem de continuar ali fazendo e existindo nos espaços [...] ou a guerreira, ou a submissa, e eu não fico com a segunda, de jeito nenhum.** (ENTREVISTADA D, 2018, grifos nossos)

Ao analisar os relatos, algumas questões se evidenciam, como a de pertencer a um determinado grupo, assim como de se sentir importante e partícipe dele, enquanto sujeitas produtoras de cultura e de vivências.

Os trechos “naquele dia eu me senti uma rainha, sabe? Eu me senti tudo!” (Entrevistada B remetendo-se à mãe); “eu me sinto útil em tudo” (Entrevistada C); e “ “[...] a gente acaba fortificando esse lugar de guerreira porque é a única forma que a gente tem de continuar ali fazendo e existindo nos espaços [...] ou a guerreira, ou a submissa, e eu não fico com a segunda, de jeito nenhum” (Entrevistada D), representam posicionamentos que inserem a mulher negra como protagonista. Revelam suas impressões, existências singulares, formas de ensinar e aprender, de intervir no meio e, principalmente, de modifica-lo, caracterizando-as

como bem disse a entrevistada D, como “uma luta constante, mas sutil”. Tal luta coloca em pauta tanto reparações históricas, quanto a regulação de demandas contemporâneas e urgentes.

Apesar de um contexto social que tende a inferiorizar a mulher, percebe-se, a partir dos depoimentos que, a posição das mulheres negras como mantenedoras dos saberes e fazeres na congada, é um lugar de resistência, reivindicado muitas vezes a partir dos lugares de submissão que historicamente foram reservados a elas. Percebe-se, a partir das sujeitas entrevistadas, que a questão geracional, dentre outras, possibilitou a cada uma delas, um modo específico de problematizar esse lugar de fala, contrapondo-se ao que historicamente foi destinado às mulheres negras. Compreende-se, dessa forma, que há uma tendência das meninas e mulheres contemporâneas, por meio das redes sociais, movimentos sociais, estudos acadêmicos, dentre outros, levantarem a demanda por um outro lugar na História que foi contada, partindo do olhar daquelas que experienciam as relações sob outras perspectivas de vida.

Ser mulher negra na congada está intrinsicamente relacionado ao lugar que essas mulheres ocupam dentro do terno, e também ao posicionamento delas próprias sobre a importância desse lugar. Sobre essa questão, a entrevistada D relatou:

Eu acho que as mulheres [...] elas comandam e cuidam de tudo, só que mesmo não aparecendo e muitas pessoas não percebendo que elas que seguram tudo. [...] as mulheres que carregam o terno o ano inteiro e depois só os homens aparecem, no dia da festa eles ficam como ícones, só que ninguém vê que na trajetória toda para chegar até ali, quem trabalhou mesmo em si, foram as mulheres. [...] Mas aí no dia da festa, quem canta é o capitão, quem mais aparece são os meninos. Todo mundo fica filmando os meninos dançando e não percebe o quanto importante foram as mulheres durante todo esse processo. (ENTREVISTADA D, 2018)

Já a entrevistada C disse que,

[...] as mulheres sempre fazem parte de todas as partes dentro do terno. Nós temos a turma da oração [...] tem as que rezam o terço, que dão água para eles [os dançadores]. [...] Tem as mulheres na bandeira... agora por exemplo, a minha parte eu faço a bandeira do terno [confecciona] e as capelas, eu que faço, minha mãe me ensinou a fazer. Tem serviço pra todas. Eu só não costuro por que eu não tenho máquina, sei lá, aprendi o corte, mas não desempenhei. Tem de tudo pra você fazer dentro do terno, na cozinha, então a mulher cabe em todos os lugares. [...], Eu sempre fiquei na parte do bordado. Então eu aprendi foi isso, só não aprendi passar máquina, mas costurar as barras de chapéu esses trem [...]. Graças à Deus eu tenho um bom marido, que ele nunca encencou com isso, às vezes mais os filhos do que o

próprio marido. Eu tenho um marido bom que sempre me deu apoio em tudo dessa parte. [...]. (ENTREVISTADA C, 2018)

Sobre o lugar ocupado pelas mulheres dentro do terno, as entrevistadas D e C apresentam posicionamentos distintos. A primeira possui uma fala que problematiza o porquê de no dia da festa, acontecer uma certa invisibilização das mulheres congadeiras, apesar delas participarem de todo o processo de construção; e a segunda aponta que sim, as mulheres estão em todas as partes do terno, remetendo a elas uma contribuição significativa, porém restrita ao espaço interior, dos preparativos. De acordo com Paula (2010, p. 22),

[...] apesar do papel fundamental que as mulheres desempenham em vários departamentos da organização e execução da festa do Rosário, a importância da mulher parece ter um papel secundário, de bastidores. A maioria das mulheres serão aquelas que cozinham, costuram, lavam as fardas e conduzem as crianças nos ternos, ou seja, mantêm-se no espaço privado.

Não se trata aqui de pôr em questão papéis de maior ou menor prestígio, uma vez que acredita-se que cada integrante exerce um papel singular e relevante na construção do todo. É necessário direcionar o olhar, no entanto, às posições que sempre foram destinadas às mulheres, estritamente relacionadas às questões de gênero efetivadas nas relações sociais. Desse modo, defende-se que “a atuação das mulheres no Congado vai além da mera execução de tarefas. São elas as mantenedoras dos vínculos identitários, familiares, religiosos que estão presentes nessa prática cultural [...]. (SILVA, 2018, p. 227)

A partir das observações e dos relatos das entrevistadas, depreende-se que ser mulher negra na congada está diretamente relacionado aos espaços e funções que estas exercem dentro do grupo, assim como está relacionado à percepção do quanto suas presenças são significativas nesse contexto. Perceber que a mulher negra reivindica historicamente outros lugares de existência, significa compreender que sua participação sempre será perpassada pelas questões de gênero e raça, além da questão de classe social. Como aponta Angela Davis, “ao mesmo tempo em que a mulher negra é considerada a mãe da cultura brasileira, ela é ao mesmo tempo invisível.” (DAVIS, 2011, p. 1)

A pesquisa possibilitou identificar que essas mulheres ocupam um espaço que extrapola aquele dos preparativos na cozinha; da confecção das roupas; do café da manhã que é servido antes de o terno ganhar as ruas; da organização da saída do terno às ruas, dentre outros, os quais quem assiste os leilões e a festa não acompanha. Sua participação se efetiva no entendimento de que elas carregam memórias, histórias, saberes e ressignificações

culturais daquele grupo e das histórias que as perpassam (SILVA, 2018), recontextualizando o que significa ser mulher negra e demandando que a presença desta seja efetivamente respeitada e carregada da importância que merecem, uma vez que são elas que, dialogicamente, fazem a mediação entre a tradição e a “modernidade”. Ressalta-se que, apesar de compreender que as mulheres ocupam espaços para além do da cozinha e dos demais preparativos que antecedem à festa, é preciso o reconhecimento de que estes são tão importantes quanto os demais, uma vez que eles simbolizam e são carregados de poder, no sentido político e existencial do termo.

7.3 Perspectivas entre saberes, fazeres e (re) existências

Observou-se que, no contexto dos ternos de congada, os ensinamentos práticos são perpetuados de geração em geração por meio da oralidade e da ancestralidade, ou seja, do que é passado de mãe para filha/o, desta/e para a/o neta/o, e assim por diante. Essa prática faz com que não haja material escrito que substitua a vivência nos quarteis, as conversas com as senhoras mais idosas, com as pessoas que ficam na cozinha preparando a comida, com aquelas pessoas que viram o começo daquele movimento e que em seus quintais encontram um lugar para socializarem seus conhecimentos (KATRIB, 2009).

Tendo em vista as aprendizagens efetivadas nessas relações, e a respeito do papel das mulheres negras para a manutenção dos saberes e modos de fazer da tradição congadeira, identifica-se a aproximação com os conceitos da “Pedagogia Griô”, no sentido de apontar o arcabouço cultural que é passado de modo intergeracional, por meio da oralidade, sendo essas mulheres as principais mediadoras desse processo. Ainda, verifica-se o enaltecimento e manutenção latentes das vivências que se criam no coletivo, retomando a busca por outras visões de mundo numa perspectiva contra hegemônica (PACHECO, 2014).

Ao indaga-las sobre como acreditam que a cultura congadeira permanece viva ao longo das gerações, considerando a relevância de seus papéis nesse processo de ensinamento (remetendo-nos aos mestres Griôs) (PACHECO, 2014), dentre outras questões, as mulheres destacaram que:

Eu acredito que é pela tradição de hierarquia, de pai passar pra filho. Não é pelo que é escrito não, mas é pelo que vem mesmo. Assim o que a minha avó me passou, eu passo para as minhas filhas, agora eu já estou passando para as minhas netas [...]. Eu vejo bem por esse lado, é assim que funciona

porque acaba que você vai vivendo a história, e aquilo faz parte da sua vida. (ENTREVISTADA A, 2018)

Os mais velhos vão passando aos mais novos, vão ensinando, descobrindo os que têm mais vocação... Por exemplo, da minha parte aqui que eu senti, a minha neta, ela tem muito dom para o bordado, essas coisas. Ela fica me olhando, me ajuda, sabe? E eu acredito que ela que vai ficar no meu lugar (risos). (ENTREVISTADA C, 2018)

Eu acho que principalmente por causa das pessoas negras, porque a nossa história muitas vezes nos foi negada; a gente é negado na escola, a gente é negado em vários momentos. Contam a história cortada pra gente, quando a gente vai na congada a gente fala “Não, se a congada tem no mínimo, uns 300 anos, tem coisas que não estão contando pra gente”. Por que que no nosso livro não tem o movimento negro em tal fase, por que que ninguém contou como é que era o movimento negro na ditadura, por que que ninguém conta sobre o feminismo negro no Brasil? Por que se teve toda essa revolução dentro da congada pelas mulheres, então tinha o feminismo negro nessa época. Por que ninguém fala? (ENTREVISTADA D, 2018)

No primeiro relato, de que a aprendizagem congadeira se mantém viva pelo que é vivenciado e ensinado dentro do próprio movimento e não pelo que é escrito no âmbito das pesquisas acadêmicas, traz-se à tona uma especificidade de papéis definidos que não podem ser confundidos: o papel principal daquelas/es que produzem a cultura, e o secundário daquelas/es que pesquisam sobre essas práticas, pois como afirma Pacheco (2014, p. 42), “[...] o registro da tradição oral na linguagem escrita, ou qualquer outra, não traduz valorização da oralidade. O saber é originalmente oral, corporal, vivencial”. Nesse sentido, as mulheres, enquanto mantenedoras da memória (SILVA, 2018), são as partícipes principais desse processo, na medida em que se relacionam diretamente com as gerações atuais e futuras, por meio das crianças, pautando-se em práticas orais de ensinar e aprender.

Ao conversar com a entrevistada B, esta relatou que muitas vezes é preciso retomar o real significado da congada com as/os mais jovens, para que possam mediar dialeticamente a relação entre tradição e atualidade. Por outro lado, essas ferramentas (como a internet, por exemplo) podem contribuir, de certa forma, na propagação e ensinamento das práticas congadeiras. Destaca-se, no entanto, a partir da experiência em campo, que o caráter imprescindível da vivência da congada, de modo participativo e presencial nos ternos, pode ser complementada com as novas tecnologias, mas nunca substituída.

[...] então a resistência é isso, é você.... a permanência dela é essa luta, de você não deixar perder a sua origem, de jeito nenhum e, num todo mesmo [...] é o tocar, é o cantar, é o agir, o conduzir aquilo, é a bandeira, é saber usar o seu terno da maneira correta. Então essa resistência vem nisso tudo

[...] justamente por causa da internet, essas coisas que os meninos veem e todo mundo posta o seu, você está aqui e vê o terno de outros lugares, então as pessoas põem você dentro ali, e você vê, e isso faz com que afirmemos esses ensinamentos, sabe? Para poder permanecer, para você durar, você não pode se perder. [...] A congada não vive sem os três tempos verbais: passado, presente e futuro, de jeito nenhum [...]. (ENTREVISTADA B, 2018)

Corroborando com essa perspectiva, a entrevistada D evidencia que

Eu acho que é uma passagem bem oral, de pai pra filho, é uma coisa que é até um pouco falha em alguns pontos da passagem da cultura. [...] Igual, você vai lá na festa do congo, se você for perguntar para as meninas do estandarte, muitas não sabem o que estão fazendo, por que estão fazendo. E nem é uma crítica à elas, mas é uma crítica ao formato como estamos passando a nossa cultura. [...] tem muita gente, eu chuto uns 70% das meninas da bandeira, elas não sabem exatamente o que está acontecendo, e é mais pela festa, ah! Por achar bonito, legal [...]. Eu fico pensando “não está entendendo o que está acontecendo”. (ENTREVISTADA D, 2018)

De modo geral, as quatro entrevistadas remontaram-se à importância das pessoas mais experientes para que esse processo de manutenção cultural se efetive, assim como de seu caráter majoritariamente pautado na oralidade. Dessa forma, acredita-se que essas aprendizagens acontecem na dialética entre o que se viveu e o que se vive, num contexto de experiências e projetos de futuro, num movimento que percebe que

O registro e a elaboração não são escritos, são orgânicos, orais, corporais e culturais. Aprender com a linguagem e o jeito que nosso povo sabe ensinar com maestria. Aprender mergulhando no universo da oralidade, da memória e da tradição que está nos ofícios, nos rituais, cantos, danças, brincadeiras, dramas, sentimentos identitários, mitos, símbolos, saberes e fazeres, ciências, histórias e projetos de vida. Aprender mergulhando no universo da nossa própria ancestralidade. Aprender como os Griôs aprendem. No universo da oralidade é necessário aprender a transmitir o conhecimento oralmente, por meio da memória do corpo, da paciência pedagógica, de uma concepção orgânica de tempo, do compromisso com o poder da palavra. (PACHECO, 2014, p. 55).

Ao tratar especificamente das mulheres, é notório o respeito que as/os integrantes do grupo têm com as mais experientes, apesar de ainda haver uma centralidade no papel do capitão. Em campo, em um dia de coleta de dados, ao perguntar sobre a organização do terno, sua gênese, etc. foi dito que: “Ah! Pergunte isso para a tia Bia.¹⁵ Ela vai saber te falar tudo!”. Tal indicação foi dada por um dos homens que integram o grupo, e sobre isso reflete-se que, se por um lado as mulheres ainda ocupam lugares invisibilizados perante os homens, por

¹⁵ Nome fictício.

outro estes não podem mais negar que os saberes das primeiras são dignos de respeito e reconhecimento.

O fato de saber que as mulheres detêm de forma muito significativa a riqueza da história, por conta de seu papel mediador das aprendizagens, ressignifica o lugar atribuído a elas na construção da História. O papel central dessas mulheres enquanto “memória viva e afetiva da tradição oral” evidencia que seus papéis na manutenção dessa manifestação cultural é de grande importância, partindo também da especificidade do local de fala de mulheres negras no âmbito da sociedade brasileira. Serem consideradas como protagonistas para a construção e manutenção da cultura congadeira, contribui para atribuir um novo papel às mulheres negras no contexto das estruturas sociais, e reivindica locais de enunciação respeitosamente definidos, contrapondo-se aos lugares historicamente destinados a elas.

Sobre esse ponto, a entrevistada B afirmou:

Eu tenho concluído o seguinte: que a congada ela é mais matriarcal. Toda a congada, toda a história, todos os grupos de congada você vê, embora tenham lugares que é muito pouco o grupo de congada em que o homem ele é realmente o centro, sabe? Geralmente ele ocupa ali aquela posição de capitão, mas não adianta, pois quando você vê aquele elo, aquele carinho, aquele abraço, aquela coisa mais boa, mais fraterna, por mais responsável, e trabalhador que o capitão seja, uma coisa assim que parece que ela é instintiva sabe. Então a congada ela é mais matriarcal, a presença feminina vem nisso aí. Em todos os grupos têm ali aquela mãe, e aquela mãe acaba que “da moda do outro” na frente talvez não mas, o capitão ali assim que está lá na frente ele sabe que lá atrás tem aquela que puxa a orelha dele, que põe o dedo no botão liga e desliga, então em todos são assim. Então a presença da mulher na congada ela é essa presença mesmo, ela é matriarcal. (ENTREVISTADA B, 2018)

Desta feita, a partir da fala da entrevistada D, percebe-se que as mudanças e ressignificações sobre o que é ser mulher na congada, vem ocorrendo por conta das reivindicações que cotidianamente emergem, sobre que lugar é ocupado por esta nas primeiras duas décadas do século XXI. Segundo a entrevistada D,

[...] historicamente realmente foi assim que aconteceu. No início as mulheres nem participavam da congada e depois falaram “não! Queremos nosso lugar!” e fizeram o estandarte. Aí depois quiseram dar um espaço mínimo para o estandarte, elas disseram “não! Não vai ser assim também não!...” [...] Por que cada vez mais mulheres reivindicam essa igualdade, esse espaço, essa visibilidade. Por que desde o início, para a cultura existir a gente está lutando. Então por que não temos o mesmo espaço? (ENTREVISTADA D, 2018)

Destacam-se, nesses depoimentos, os saberes e os fazeres das mulheres na Congada. Contudo, no primeiro revela-se essa figura vinculada à mãe, aquela que é amorosa, mas também precisa educar, “puxar a orelha”, denotando a característica da resiliência tão presente na história das mulheres negras. No segundo, encontram-se aspectos do enfrentamento feminino e ocupação de um lugar da cultura negra pelo qual foi necessário lutar, revelando as contradições que configuram todo movimento, uma que vez que, além de cultural, é histórico.

8 Considerações Finais

A construção deste trabalho ocorreu amalgamada por algumas questões que transversalizam a temática aqui levantada. Tratar de mulheres negras enquanto sujeitas políticas e reguladoras de suas próprias existências, a partir de um grupo de moçambique de um município do Triângulo Mineiro, singularizou o olhar lançado pelas autoras proponentes, ao mesmo tempo que direcionou esse olhar tanto nas entrevistas quanto nas observações em campo, a partir das intersecções entre raça, classe e gênero, presentes no contexto pesquisado.

O processo de pesquisa trouxe consigo inúmeras provocações que fazem parte da constituição histórica da sociedade brasileira, traduzidas na forma como os objetivos da pesquisa foram elaborados, e principalmente, como os posicionamentos das participantes foram interpretados. Concomitante a isso, os olhares, gestos, falas, permissões e restrições observadas em campo, trouxeram à tona, mais uma vez, a especificidade de ser mulher negra no Brasil, carregando consigo estereótipos, demandas e particularidades.

Percebeu-se que as identidades das mulheres negras tomam outros significados à medida em que elas percebem a importância de sua presença no espaço em que estão inseridas, e mobilizam-se na construção de outras narrativas possíveis. Narrativas que demonstram orgulho em participar de um grupo criado a partir da homenagem ao aniversário de uma mulher considerada a matriarca do grupo; que compreendem que o papel da mulher negra na congada é baseado numa “luta constante, mas sutil”, retomando mais uma vez um contexto macro de resistência feminina negra numa sociedade marcada pelo machismo e pelo racismo; que mesmo sabendo que serão restritas muitas vezes aos “bastidores”, reivindicam outros lugares de participação, dentre outros.

O fato de reconhecer-se enquanto sujeitas históricas e políticas no interior de um contexto que, historicamente, restringiu-as ao espaço dos preparativos que acontecem anteriormente e durante a festa de Congada (da organização, preparação da comida, roupas, etc.) demonstra que outros lugares de enunciação estão sendo conquistados pelas mulheres dentro dos ternos, e fora deles. Ressalta-se ainda que questões relacionadas à geração, religiosidade, e visão de mundo, impactam diretamente nas formas de reivindicar esses espaços, uma vez que essa reivindicação muitas vezes pode não acontecer, e tais padrões serem naturalizados.

Compreende-se, dessa forma, que o papel das mulheres negras para a preservação da cultura congadeira é de significativa relevância, ao passo que são elas que imprimem ao grupo um caráter geracional de manutenção dos saberes e fazeres. Afirma-se que elas possuem um

papel central na mediação das aprendizagens da comunidade na qual estão inseridas, e apesar das questões de gênero e raça que transversalizam e invisibilizam historicamente suas contribuições, elas seguem (re) existindo na busca por espaço e reconhecimento aos novos lugares de fala, demandando mudanças nas estruturas sociais vigentes.

Destaca-se, a partir da pesquisa realizada, que nem todas as integrantes do grupo refutam os lugares que ao longo dos anos são destinados às mulheres no âmbito da congada e na sociedade como um todo. Dessa forma, infere-se que há uma certa naturalização proveniente dos papéis sociais atribuídos, ligados às questões de gênero que pré determinam que comportamentos e lugares devem ser destinados às mulheres e aos homens, desdobrando daí perspectivas que tendem a classificar os papéis como de maior ou menor visibilidade e relevância.

Suas memórias, por sua vez, se inserem nesse processo de forma pontual e significativa, no sentido de que, como ressaltou uma das participantes, “a congada não vive sem os três tempos verbais: passado, presente e futuro”. Para ressignificar as aprendizagens atuais, é preciso refletir sobre o que já se aprendeu; assim como para compreender o lugar que as mulheres ocupam hoje, é necessário compreender os lugares ocupados outrora. Assim como é preciso conhecer as lutas que as mulheres que vieram antes enfrentaram, para ocuparem os lugares que ocuparam.

Mesmo que, de modo silencioso, ou usando o termo “sutil”, como foi dito por uma das entrevistadas, elas influenciam diretamente na dinâmica do grupo e nas tomadas de decisão; principalmente pelo terno de moçambique ter como coordenadora geral uma das mulheres mais experientes do grupo, que também é presidente da Irmandade no município. Aliás, esta posição denota um avanço histórico, uma vez que como já apontado pelas autoras, não é recorrente mulheres presidindo Irmandades.

A presente pesquisa permitiu problematizar a relevância dada às contribuições de mulheres negras, assim como repensar o quanto essa posição social é carregada de estereótipos e classificações. A partir de uma estrutura social repleta de paradigmas, ainda é, para algumas/uns, difícil reconhecer que as mantenedoras de uma cultura são aquelas que nem sempre aparecem como protagonistas nas histórias que são contadas, nos lugares de maior destaque e reconhecimento. Tal dificuldade parte também, do fato de que historicamente essa invisibilização foi naturalizada, legitimando que certos grupos raramente tenham direito à fala. Ressalta-se que essas e outras questões que por ora enviesaram este trabalho, ainda precisarão estar no centro de vários outros, para que minimamente possa-se vislumbrar a

construção de outras formas de ver o mundo e respeitar os saberes e existências individuais e coletivas.

Nesse sentido, destaca-se que a construção de uma sociedade mais equânime, alicerçada a partir outras visões de mundo que refutam estruturas racistas, machistas, misóginas, dentre outras, é um compromisso que precisa ser firmado por todas as pessoas, a partir do lugar que ocupam e da perspectiva de cultura que concebem e vivenciam. Ainda, ressalta-se que, historicamente, ser mulher negra sempre esteve perpassado por questões de um contexto macro. Por isso, é necessário que outras pesquisas voltem seus olhares a esse contexto, tanto no sentido de questioná-lo, quanto para exigir outras perspectivas de existência.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERNARDINO, Joaze. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. **Estudos afro-asiáticos**, v. 24, n. 2, p. 247-273, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n2/a02v24n2>> Acesso em: 14 nov. 2018

BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. Maçambique de Osório – entre a devoção e o espetáculo: não se cala na batida do tambor e da maçaquia. / Orientação Maria Eunice de Souza Maciel. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Porto Alegre, 449 f., 2006. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/12758>> Acesso em: 16 nov. 2018.

BRASIL. Programa Nacional do patrimônio Imaterial. 2000. Disponível em: <http://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/upload/documento_programa_nacional_do_patrimonio_imaterial.pdf>. Acesso em: 04 set. 2018.

_____. Lei n.º 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro Brasileira, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 25 fev. 2017.

_____. Ministério da Educação - Secretaria de Educação Superior. Formulário-síntese da proposta - SIGPROJ edital PET 2010, 2010. Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/95f40f_6e8b135309164b2bb893a6e0863f82b3.pdf> Acesso em: 10 out. 2018.

CAMPOS, Luiz Augusto; FERES JÚNIOR, João. “Globo, a gente se vê por aqui?” Diversidade racial nas telenovelas das últimas três décadas (1985-2014). **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 23.1, p.36-52, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/118380/115938>> Acesso em: 20 mar. 2018.

CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. 2012. 383 f. Tese (Doutorado em Estudos de Gênero, Mulher e Feminismo) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7297/1/Outrasfalas.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. 2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>> Acesso em: 23 ago. 2018

CERQUEIRA, et al. **Atlas da violência 2018**. Rio de Janeiro: IPEA, SBFP, 2018. Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2018.

CESTARI, Mariana Jafet. **Vozes-mulheres negras ou feministas e antirracistas graças às Yabás**. 2015. 264 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Instituto de estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/271056/1/Cestari_MarianaJafet_D.pdf> Acesso em: 30 ago. 2018.

CHAVES, Marjorie Nogueira. **As lutas das mulheres negras: identidade e militância na construção do sujeito político**. 2008. 118 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/5601>> Acesso em: 05 set. 2018.

COSTA, Odete de Araújo. **Entre a cozinha e a mesa, entre altares e rosários: alimentação e relações de gênero nas festas de reinado e congadas de Goiânia**. 2016. 101 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6840>> Acesso em: 30 ago. 2018.

CEVA, Antonia Lana de Alencastre. **Intelectuais negras: escrituras de mulheres negras brasileiras e angolanas como instrumento de resistência sociocultural**. Rio de Janeiro, 2013. 226 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912208_2013_completo.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2018.

DAVIS, Angela. **As mulheres negras na construção de uma nova utopia**. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/?gclid=CjwKCAjwvtnbBRA5EiwAcRvnpqWlxDXOS9U1XG3jODTopx7t97xtjlv7thqNsgWgdhrDp6XOWP33hoCzdEQAvD_BwE>. Acesso em: 23 ago. 2018.

ENTREVISTADA A. Pontal do Triângulo Mineiro, 12 de setembro de 2018. Entrevista concedida a Ishangly Juana da Silva.

ENTREVISTADA B. Pontal do Triângulo Mineiro, 05 de setembro de 2018. Entrevista concedida a Ishangly Juana da Silva.

ENTREVISTADA C. Pontal do Triângulo Mineiro, 05 de setembro de 2018. Entrevista concedida a Ishangly Juana da Silva.

ENTREVISTADA D. Pontal do Triângulo Mineiro, 06 de outubro de 2018. Entrevista concedida a Ishangly Juana da Silva.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil:**

impasses e desafios. – Brasília: UNESCO, 2009. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001846/184682por.pdf>> Acesso em: 15 nov. 2018.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, Rio de Janeiro – RJ, 1989.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas? In: _____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo, Atlas, 2010, p. 25-43.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Educação anti-racista: Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília, p.39-62, 2005. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

_____. **O Movimento Negro Educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. Negros e educação no Brasil. In.: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais HOJE**, Anpocs, p. 223-244, 1984. Disponível em: <<https://nosmulheresblog.files.wordpress.com/2016/04/gonzalez-racismo-e-sexismo-na-cultura-brasileira.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2018.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro - 11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Patrimônio Imaterial. 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em: 22 maio 2018.

JUSTIFICANDO: mentes inquietas pensam direito. Coordenada por Djamila Ribeiro, coleção Feminismos Plurais é a novidade do Justificando. 2017. Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2017/08/28/coordenada-por-djamila-ribeiro-colecao-feminismos-plurais-e-novidade-do-justificando/>>. Acesso em: 06 set. 2018.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Foi assim que me contaram: recriação dos sentidos sagrados e profanos do Congado na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário (Catalão-GO - 1940/2003)**. 2009. 257 f. Tese (Doutorado em História) -Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4252/1/2009_CairoMohamadIbraimKatrib.pdf> Acesso em; 10. out. 2018

_____. A congada no contexto da cultura popular. In.: KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; BERNARDES, Vânia Aparecida Martins (Orgs.) **História e cultura afro-brasileira: módulo 4**. Uberlândia, p.15-25, 2010. (Curso de Educação para as relações étnico-raciais)

_____. Batuques da Memória: reencontro com os valores civilizatórios afro-brasileiros através do congado. In.: OLIVEIRA, Cristiane Coppe de; KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim (Orgs.). **Valores civilizatórios afro-brasileiros: tecendo diálogos pedagógicos**. Uberlândia: EDUFU, p. 67-72, 2013.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 22ª edição – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2008.

LEÃO, Natália et. al. **Relatório das Desigualdades de Raça, Gênero e Classe (GEMAA)**, n. 1, p. 1-21, 2017. Disponível em: <http://gema.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2017/08/Relat_1.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social- Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. (Série: Manuais Acadêmicos)

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 4, n. 8, p. 06-14, out. 2012. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/246>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

NATÁLIA, Livia. Intelectuais negras e racismo institucional: um corpo fora de lugar. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, p. 748-764, jan. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/563>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS PONTAL (NEABi Pontal), 2018. Disponível em: <<https://www.nepereneabipontal.com.br/neabi>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

NEGRÃO, Thereza. Entorno que transborda. In: MELLO, Maria Thereza Ferraz Negrão. (org.) **Entorno que transborda: patrimônio imaterial da RIDE**. Brasília: Petrobrás, p. 9-17, 2006.

NAVES, Fernanda Domingos; KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. Cultura, identidade e religiosidade: mapeamento e reconstrução histórica dos ternos de congado da cidade de Ituiutaba-MG. 4ª SEMANA DO SERVIDOR E 5ª SEMANA ACADÊMICA, 2008. Disponível em: <<https://ssl4799.websiteseguro.com/swge5/seg/cd2008/PDF/SA08-20714.PDF>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

PAULA, Marise Vicente de. **Sob o manto azul de Nossa Senhora do Rosário: mulheres e identidade de gênero na congada de Catalão (GO)**. 2010. 245 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2734>>. Acesso em: 17 maio 2018.

PACHECO, Lilian. A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade. **Diversitas** – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP – Ano 2, nº 3. São Paulo, p.22-99, 2014. Disponível em: <<http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/Revista%20Diversitas.pdf>> Acesso em: 18 out. 2018.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET). (Re) Conectando Saberes, Fazeres e Práticas rumo à cidadania consciente. Quem somos? 2018. Disponível em: <<https://inscricoespetrecon.wixsite.com/reconectandosaberes/quem-somos>> Acesso em: 28 set. 2018

RIBEIRO, Esmeralda. **Ressurgir das cinzas**. 2015. Disponível em: <<https://giramundo-cirandeira.blogspot.com/2015/11/poesia-afro-brasileira.html>> Acesso em: 03 nov. 2018

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017. Feminismos Plurais.

_____. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RODRIGUES, Donizete. **Patrimônio cultural, memória social e identidade: uma abordagem antropológica**. 2012. Disponível em: <<http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodrigues-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2018.

SILVA, Nádia Maria Cardoso. Universidade no Brasil: Colonialismo, colonialidade e descolonização numa perspectiva negra. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. “Decolonialidade e Educação: entre teorias e práticas subversivas.” Rio de Janeiro, v 3 n. 3, p. 233-257, 2017. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/29814>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

SILVA, Isabel Cristina da Costa. Mulheres negras no congado: as capitãs da memória congadeira. In.: KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; MACHADO, Maria Clara Tomaz; PUGA, Vera Lúcia (org.). **Mulheres de fé: urdiduras no Candomblé e na Umbanda**. Uberlândia: Composer, p. 225-236, 2018.

SILVA, Renata Nogueira. **Irmandades negras, reconhecimento e cidadania**. Curitiba: Appris, 2016.

SOARES, Dalva Maria. **Salve Maria (s): mulheres na tradição do congado em Belo Horizonte, MG**. 2009. 114 f. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2009. Disponível em: <<http://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/3322/texto%20completo.pdf?sequence=1>> Acesso em: 16 nov. 2018.

TAVARES NETTO, Marli José. **Trabalho, fé e patriarcado:** as mulheres na produção socioespacial das congadas de Catalão (GO). 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5114>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

WASELFISZ, Julio Jacob. **Mapa da violência 2015:** homicídio de mulheres no Brasil. Brasília: FLASCO Brasil. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2018.

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual sua idade, tempo que integra o Moçambique e o que lhe fez entrar para o grupo?
2. Qual o significado da Congada em sua vida? o que ela representa pra você?
3. Fale sobre a história do terno, sua criação, quantos integrantes possui, destes quantas são mulheres...?
4. Quantos ternos existem no município ligados à Irmandade?
5. Qual o lugar ocupado pelas mulheres dentro do terno? Você acha esse lugar importante? Há hierarquia nos ternos? Como ela é organizada?
6. Como você vê a construção da festa e qual papel as mulheres têm nessa construção?
7. O que é ser mulher na Congada?
8. Se pudesse escolher alguns momentos marcantes que você já vivenciou durante esses anos de preparação e experiência da festa de congada para ressaltar nesta entrevista, quais momentos escolheria?
9. Como você acha que a cultura da congada permanece viva dia após dia, através das gerações?
10. Em sua opinião, como acontece a aprendizagem da cultura congadeira dentro de um terno de congada?

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada “SABERES E FAZERES DE MULHERES NEGRAS: construção e manutenção da cultura em um terno de congada do Triângulo Mineiro”, sob a responsabilidade da pesquisadora graduanda Ishangly Juana da Silva, e orientação da Prof^ª. Dr^ª. Maria Aparecida Augusto Satto Vilela. Nesta pesquisa, buscamos compreender o papel das mulheres negras e sua relevância na preservação da cultura congadeira em um terno de congada do Triângulo Mineiro, assim como entender, como as memórias dessas mulheres contribuem para a produção e perpetuação da festa enquanto patrimônio cultural imaterial do povo negro no município onde realiza-se a pesquisa; e analisar, sob o olhar delas, como suas identidades e o patrimônio cultural imaterial congadeiro se (re) afirmam a partir de seu lugar de fala. Sua participação se dará através da gravação de uma entrevista, que será posteriormente transcrita, textualizada e enviada para sua apreciação e aprovação, antes de ser analisada com base em fundamentação teórica e utilizada na escrita do trabalho de conclusão de curso. Para preservar sua integridade, após a transcrição das gravações e devida aprovação, as mesmas serão desgravadas. Em nenhum momento você será identificada. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto ou ganho financeiro por participar na pesquisa. Os riscos consistem em alguns casos, da pessoa pesquisada ser identificada. O CEP esclarece que toda pesquisa tem riscos; em alguns casos, o da participante se sentir constrangida. Por isso, as entrevistadas terão total liberdade de responderem o que considerarem importante e necessário. Também, serão utilizados nomes genéricos como por exemplo, "entrevistada A", para que as participantes não sejam identificadas. Além disso, o nome do grupo será preservado, apresentando-o de forma inespecífica, como "um terno de congada do Triângulo Mineiro". Consideramos que a valorização dos saberes e fazeres das mulheres negras congadeiras, assim como o enaltecimento da cultura congadeira como patrimônio imaterial da população negra local, são pontos relevantes e benéficos na realização da pesquisa. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Prof^ª. Dr^ª. Maria Aparecida Augusto Satto Vilela, docente da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal, instituição localizada na Rua vinte, nº 1600, B: Tupã, Ituiutaba-MG, pelo e-mail cidasatto@ufu.br, e a estudante Ishangly Juana da Silva – UFU Campus Pontal pelo email: ishanglypetg@gmail.com, ou (34) 3271-5280. Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante da pesquisa

ANEXO 1 - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISAS COM SERES HUMANOS -CEP/UFU

- DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SABERES E FAZERES DE MULHERES NEGRAS: construção e manutenção da cultura em um termo de congada do Triângulo Mineiro

Pesquisador Responsável: Cida Satto

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 94664318.4.0000.5152

Submetido em: 17/08/2018

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Integradas do Pontal

Situação da Versão do Projeto: Aprovado

Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

